

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Flanelinhas no Espaço Urbano:
Um estudo sobre a inserção de jovens no mercado informal de
trabalho em Juiz de Fora.

Millene Millen

Juiz de Fora
2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MILLENE MILLEN

Flanelinhas no Espaço Urbano:
Um estudo sobre a inserção de jovens no mercado informal de
trabalho em Juiz de Fora.

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-
Graduação em Educação da Faculdade de Educação
da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Alves Monteiro

Universidade Federal de Juiz de Fora
Faculdade de Educação

Juiz de Fora
2007

TERMO DE APROVAÇÃO

Millene Millen

Flanelinhas no Espaço Urbano:
Um estudo sobre a inserção de jovens no mercado informal de trabalho em Juiz de Fora.

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Roberto Alves Monteiro
(Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Educação, UFJF

Prof. Dr. Sônia Maria Clareto
Programa de Pós-Graduação em Educação, UFJF

Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes,
Programa de Pós-Graduação em Educação, UFF

Juiz de Fora, ___/___/___

DEDICATÓRIA

Não foi fácil ir para a universidade, ir para o trabalho, ler livros, escrever artigos, combinar cores, elaborar documentos, viajar para Juiz de Fora, desviar dos buracos, saltar obstáculos inesperados, escolher entre múltiplas possibilidades sem os seus conselhos. Por muitas vezes senti sua presença ao meu lado, memórias de viagens feitas, de conselhos dados, de risos soltos no ar. Sua vida eternizou-se comigo. Lembrança da sua vontade de permanecer eternamente jovem.

Ao **meu pai** Gesu, (*in memoriam*).

A G R A D E C I M E N T O S

Haverá na face de todos um profundo assombro e, na face de alguns, risos sutis cheios de reserva. Muitos se reunirão em lugares desertos e falarão em voz baixa em novos possíveis milagres como se o milagre tivesse realmente se realizado. Muitos sentirão alegria porque deles é o primeiro milagre. Muitos sentirão inveja e darão o óbolo do fariseu com ares humildes. Muitos não compreenderão porque suas inteligências vão somente até os processos e já existem nos processos tantas dificuldades. Alguns verão e julgarão com a alma. Outros verão e julgarão com a alma que eles não têm. Ouvirão apenas dizer. Será belo e será ridículo. Haverá quem mude como os ventos e haverá quem permaneça na pureza dos rochedos. No meio de todos eu ouvirei calado e atento, comovido e risonho, escutando verdades e mentiras, mas não dizendo nada. Só a alegria de alguns compreenderem bastará. Porque tudo aconteceu para que eles compreendessem que as águas mais turvas contêm às vezes as pérolas mais belas. (MORAES, Vinícius. Acontecimento (Seção “Poesias Coligidas”). In: BUENO, Alexei. Poesia Completa e Prosa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

Agradeço:

Ao **Luiz**, companheiro de todas as caminhadas, pelo incentivo, pela compreensão, pelo apoio emocional e financeiro. Obrigada por ter compreendido as dificuldades, as ausências e os horários da pesquisa, mas principalmente por ter me ajudado na hora da tomada de decisões, por ter relevado os meus momentos de intolerância e por ter me recebido sempre na volta, com um sorriso nos lábios, com amor, obrigada!

À minha **mãe**, que inúmeras vezes foi a minha companheira nas viagens a Juiz de Fora e por ter se dedicado tanto aos cuidados da minha casa e ao Luiz, durante as minhas ausências.

À minha **família**, especialmente aos meus irmãos e aos meus sobrinhos por terem compreendido o meu silêncio, as minhas ausências e as minhas renúncias.

Ao Prof. **Dr. Roberto Alves Monteiro**, orientador desta pesquisa, pelo carinho com que a conduziu, pela paciência e por ter compartilhado comigo tanta sabedoria. Aprendi ao seu lado, muito mais do que as tarefas acadêmicas requeriam. Você tem sido um exemplo de vida e de força de vontade. Você ensina com a alma, corrige com a serenidade de um menino. Obrigada pela amizade, por me abrir as portas da sua casa em Juiz de Fora e por compartilhar comigo momentos tão preciosos junto aos seus amigos e a sua família. Sou eternamente

grata, por ter continuado me orientando, mesmo lice

A **Tuca**, ao **Fabiano** e a **Fabiana** pelo companheirismo durante tantos anos na UEMG/Carangola e por serem presenças tão valiosas em minha vida pessoal, profissional e acadêmica.

Aos colegas de turma; **Luz, Carla, Edmundo, Ana Cristina, Rita, Regina, Verônica, Rosângela Veiga, Rosângela Paiva, Márcia Hara, Márcia Ferreira, Ana Maria, Raquel, Flávio Garcia, Flávio Coelho, Valéria, Rogério, Fernanda, Bianka, Maria Angela, Fabíola, Adriana e Josie**, pelo companheirismo nestes vinte e quatro meses de convivência.

A **Cidinha** e a **Daniele Barbosa**, pelo apoio desde os meus primeiros contatos na UFJF.

Agradecimento póstumo, ao Prof. **Hercílio Motta Hosken**, presença amiga e constante desde a minha infância, levado antes desta pesquisa chegar ao fim. Sou educadora por querer seguir seus passos. Minha eterna gratidão e amizade pelos ensinamentos deixados. Espero que as pesquisas realizadas com “juventudes” possam contribuir para uma sociedade mais justa e menos violenta.

Mas, de forma muito especial aos jovens **“flanelinhas”**

Os momentos dedicados à pesquisa, as horas de entrevistas, o meu acesso aos “pedaços”, enfim, a confiança que me depositaram. Vivenciei com vocês um mundo impossível de ser encontrado em qualquer teoria.

MILLEN, Millene. **Flanelinhas no Espaço Urbano**: um estudo sobre a inserção de jovens no mercado informal de trabalho em Juiz de Fora. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora. 2007. 114 f. Orientador: Prof. Dr. Roberto Alves Monteiro.

Palavras chave: espaços; juventudes; territórios; trabalho informal

RESUMO

Nesta dissertação estudei jovens, precocemente, inseridos no mercado de trabalho informal no contexto urbano de Juiz de Fora. O objetivo foi compreender como jovens “flanelinhas” se apropriam de seus espaços de vivência, como incorporam as diversidades culturais dos contextos em que vivem e como organizam o espaço e lhe atribuem significado. A estrutura conceitual considera a idéia de juventude em seu sentido plural – juventudes -, em virtude da diversidade de situações existenciais que afetam os indivíduos nessa etapa do ciclo da vida. O conjunto social denominado juventudes foi examinado sob duas perspectivas conceituais na literatura, principalmente européia. Na primeira, prevalece a busca de aspectos mais uniformes e homogêneos, em termos etários, caracterizadores dessa fase da vida. Noutra, juventudes são tomadas em sua diversificação cultural em função de diferentes oportunidades ocupacionais, dadas as diferentes situações sociais. Em ambas as perspectivas contextos históricos, sociais, culturais e diferenças de classe foram consideradas como forma de compreender a dificuldade de delimitar fronteiras entre a infância e a adultez. A literatura considera, ainda, dois outros conceitos que iluminaram minha pesquisa: o de “folga intergeracional” e o de “moratória da juventude”. Ambos incorporam um período de moratória, em que o jovem fica liberado do trabalho e de responsabilidades sociais para dedicar-se ao mundo juvenil. Os achados desta pesquisa indicam que se os conceitos acima se aplicam aos jovens oriundos de classes favorecidas, que têm a garantia financeira da família para esperar a inserção no mercado de trabalho, isso não acontece com jovens oriundos de famílias de baixa renda. Esses não têm a mesma chance e são forçados a anteceder a adultez. Os jovens, sujeitos neste estudo, são “flanelinhas”, oriundos de famílias de baixa renda para os quais, ao invés de moratória, resta a chance de uma precessão, isto é, um adiantamento da dívida social representada pela adultez. Eles cedo abandonam a escola e se inserem precocemente no mundo do trabalho. Tornados adultos pelas contingências de suas vidas, os “flanelinhas” protagonizam uma apropriação do espaço urbano de Juiz de Fora. Os “flanelinhas” vivem uma experiência que não é facilmente compreensível dentro de um quadro conceitual limitado aos aspectos da escolarização. A sua experiência educativa pode ser compreendida dentro do conjunto trabalho / escola sendo o primeiro predominante e garantidor da educabilidade. Assim, o estudo requereu o aporte de conceitos geográficos, principalmente os de espaço, território, multiterritorialidades entre outros, dado que os “flanelinhas” escolhem, estrategicamente, o lugar para trabalhar. Uma metodologia de cunho qualitativo, com estratégias etnográficas, principalmente a observação participante e a entrevista, foi utilizada para melhor compreensão dos contextos sociais dos jovens “flanelinhas”.

MILLEN Millene. *Flanelinhas in the urban space: A study about youth's insertion in the informal job market in Juiz de Fora city*. Dissertation (Graduate Program Mastership in Education) State University of Juiz de Fora. Juiz de Fora. 2007. 114 p. Advisor: Roberto Alves Monteiro, Ph.D.

Key words: space; youth; territory; informal job

Abstract

In this dissertation I studied young people who were precociously inserted in the informal job market in the urban context of Juiz de Fora. The aim was to understand how these young *flanelinhas* appropriate their living spaces, how they incorporate the cultural diversity of the contexts where they live and how they organize and give meaning to the space. The conceptual framework takes into consideration the idea of youth in a plural sense by virtue of diverse existential situations affecting individuals in this time of their life cycle. This plural concept is examined under two perspectives in the mainly European literature. In the first, what prevails is a search for homogeneous and uniform aspects in terms of age that might characterize this phase of life. In the second, youth is taken in its cultural diversification according to different job opportunities and social position. Both perspectives consider historical, social and cultural contexts as well as social class's differences as a way to understand the difficult task of establishing clear cut frontiers between childhood and adulthood. Two other concepts that throw light into my research are also considered in the literature: intergeneration pause and youth moratorium. Both concept deal with a segment of moratorium time when youth people are released from working and other social responsibilities to dedicate themselves to their juvenile world. Findings in my research indicated that whether the above concepts might apply to young people coming from affluent class, with family financial support to wait their insertion in the job market, the same is not true for those coming from low income families. They do not have equal opportunities and are forced into an early adulthood. Subjects in my research are *flanelinhas* coming from low income families and for them, instead of a deferring time, there is an anticipation of their adulthood. They experiment an early school leaving and precociously participate in the world of job. Forced into the adulthood due to their living contingencies, they are protagonist of an appropriation of the urban space in Juiz de Fora city. Their experience is not easily understandable within a strict schooling framework. Rather it requires a job / education combination being the first dimension the one which prevail and ensure their educability. Given the fact that *flanelinhas* strategically choose a place where to establish their work this study required the use of ideas coming from the field of geography, mainly the concepts of space, territory and multiterritoriality among others. Also, a qualitative method, using ethnographic strategies such as participant observation and unstructured interviews, was elected to conduct the research and try at an understanding of *flanelinhas* social context.

SUMÁRIO

Resumo	i
Abstract	ii
1 - Introdução	11
2 – Estrutura Conceitual	18
2. 1 - Juventudes como Categoria Social	18
2. 2 - A passagem da infância para adultez	24
2. 3 – Espaço e Território:	
Compreendendo o Trabalho dos Flanelinhas	28
3 - A Natureza Qualitativa da Abordagem Metodológica	39
4 - Achados da Pesquisa	44
4.1 - O Shopping	46
4.2 - A Boate	55
4.3 - A Padaria	68
4.4 - O Hospital	73
4.5 - Alto dos Passos	76
4.6 - Entrevistas em profundidade com flanelinhas da boate.....	78
4.7 – Matérias em Jornais	101
5 - Considerações Finais	107
6 – Referências.....	112

1 - INTRODUÇÃO

Não sei quantas almas tenho. Cada momento mudei. Continuamente me estranho. Nunca me vi nem acabei. De tanto ser, só tenho alma. Quem tem alma não tem calma. Quem vê é só o que vê, quem sente não é quem é, atento ao que sou e vejo, torno-me eles e não eu. Cada meu sonho ou desejo é do que nasce e não meu. Sou minha própria paisagem; assisto à minha passagem, diverso, móbil e só, não sei sentir-me onde estou. Por isso, alheio, vou lendo como páginas, meu ser. O que segue não prevendo, o que passou a esquecer. Noto à margem do que li, o que julguei, que senti. Releio e digo: "Fui eu?" Deus sabe, porque o escreveu. (PESSOA, Fernando. Não sei quantas almas tenho. Novas poesias inéditas .In: *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p.685)

Vivi minha juventude em uma pacata cidade do interior de Minas Gerais. Mesmo sendo mineira, não lachei boi com embira, mas dei rasteira no vento, pisei no molhado, no escuro, estiquei conversa com estranho, arrisquei sem certeza, troquei dois pássaros na mão por um voando. Acreditei na fumaça, mesmo sem ver o fogo. Vi o nascer do sol e o brilhar da lua, ouvi o canto dos pássaros e o mugir do gado.

Vivi a minha juventude quando já haviam ocorrido os movimentos estudantis, os ideais de liberdade já haviam sido proclamados e a contemplação já havia dado lugar à participação. Vivi a juventude dos anos 80. Presenciei a explosão da pandemia da AIDS, a ascensão do neoliberalismo, a derrocada do comunismo, o triunfo do capitalismo, o colapso da União Soviética, o domínio dos EUA e a valorização suprema da imagem.

Estudei em escola pública, O.S.P.B. e Moral e Cívica, comemorei datas cívicas, vi autoridades hastearem a Bandeira do Brasil, cantei o Hino Nacional e desfilei em Sete de Setembro. Presenciei a queda da Ditadura Militar no Brasil. Vi a virada da democracia. Particpei do movimento "Diretas-Já". Entoei o Hino Nacional com Fafá de Belém e acompanhei na voz de Ivan Lins: Começar de novo.

Assisti ao acidente de Chernobyl, a chegada do CD, dos *walkmans* e dos videocassetes. Os exilados retornaram, inaugurou-se uma Nova República e o Brasil ganhou Nova Constituição. Começava a era da informática, entretanto, não se tinha acesso à internet e nem ao celular. A juventude se preocupava com a degradação do ambiente, com o lixo do planeta e com a poluição feita pelas indústrias.

Vivi a Juventude longe das grandes metrópoles, longe dos *punks* e *darks*, que faziam o espetáculo urbano nas grandes cidades na década de 80. Sem cinema e sem teatro no interior, acompanhava pela TV: Armação Ilimitada, TV Pirata, Viva o gordo, Chico Anísio Show e Globo de Ouro. Sabia, pela propaganda sobre os filmes em cartaz: Guerra nas Estrelas, E.T., Gente como a gente, Carruagens de fogo, Gandhi, Laços de ternura, Amadeus, Entre dois amores, Platoon e O último imperador.

Nas férias escolares eu viajava para a capital do Estado em poucos dias e com pouco dinheiro decidia o filme ou a peça teatral que ia ver e o livro que iria comprar e de férias em férias buscava novas territorialidades.

A passagem da minha juventude para a idade adulta se deu na década de 90, trabalhando e estudando, não vivi o período da "Moratória da juventude". Lembro-me que os anos 90 começaram com instabilidade, com o confisco de poupanças, com o movimento de milhares de jovens (mobilizados por uma forte campanha de mídia), os "Caras Pintada", que pediam o impeachment de Collor. Lembro da popularização do computador, da internet e do telefone celular; da clonagem da ovelha Dolly, da tecnologia do CD, aperfeiçoada em DVD, do fim do *apartheid* na África do Sul e do *Impeachment* do Collor, da morte da Princesa Diana e de Madre Teresa de Caicutá.

Com o fim da censura, na década anterior, as telenovelas passam a abordar temas, como o homossexualismo e a reforma agrária, começou o *download* de músicas em MP3, o *reggae* brasileiro entra para as paradas com Cidade Negra e também com grupos *reggae rock* como skank. O *rock* nacional revela vários nomes, Jota Quest e Patu Fu, passando pelo deboche de Raimundos e Mamonas

Assassinas. Gêneros brasileiros como o pagode, axé e sertanejo passam a ultrapassar o *rock* em vendagem no Brasil.

Por conta do avanço tecnológico e da minha maturidade a impressão que tive foi a de que nesta década, a distância entre a capital e o interior havia diminuído. Ou será que a cultura interiorana havia sido influenciada pela mídia e pela propaganda?

A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte. A gente não quer só comida, a gente quer saída para qualquer parte. A gente não quer só comida, a gente quer bebida, diversão, balé. A gente não quer só comida, a gente quer a vida como a vida quer. (Comida. FROMER, Marcelo; ANTUNES, Arnaldo; BRITTO, Sérgio. Comida. Intérprete: Arnaldo Antunes. In: Arnaldo Antunes. Jesus não tem dentes no país dos banguelas.[S.l]: WEA Brasil, p1987. 1CD. Faixa 2.)

Bebida, comida, diversão e arte requerem dinheiro e dinheiro requer trabalho. Nas cidades pequenas os jovens têm poucas opções, os de classes favorecidas, terminam o Ensino Médio e partem da casa dos pais para estudar na “cidade grande”, ainda deles dependentes. Os jovens de origem menos favorecida, permanecem na cidade e procuram empregos (escassos) ou tentam concursos públicos e ali mesmo constituem família.

Comigo foi assim. Terminei a graduação em Pedagogia, fiz pós-graduação em Psicopedagogia. Já inserida no mercado de trabalho, comecei, também, a lecionar na Universidade do Estado de Minas Gerais, *campus* Carangola. Sonhando em buscar novas territorialidades decidi saltar da cidade pequena e partir para uma cidade de porte médio, Juiz de Fora, e ingressar no Mestrado.

Decidi trabalhar com jovens, influenciada pelo projeto: Jovens e seus espaços de vivência na contemporaneidade, desenvolvido pelo GRUPESQ (Grupo de Pesquisa Qualitativa) no NEC/UFJF¹. Neste grupo, através de pesquisas e estudos qualitativos, foi possível um entrecruzamento de diferentes territórios e a

¹ O Núcleo de Educação em Ciência, Matemática e Tecnologia – NEC, é um organismo locado no Centro Pedagógico da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. A equipe do NEC é composta por professores participantes de projetos oriundos de diversos departamentos universitários bem como de instituições parceiras.

partir daí comecei estudar autores que me possibilitaram construir uma visão mais ampla sobre Juventudes: Abramo (1994, 2003a, 2003b), Spósito (1993, 1997, 2001, 2003, 2005), Carrano (2003)

Estes autores defendem um ponto de vista de que Juventudes devem ser tomadas como fenômeno social, plural, construído histórica e culturalmente. Em decorrência disso, compreendi a necessidade de conhecer vivências juvenis em outras culturas. Estudos em diversos contextos, já desenvolvidos pelo GRUPESQ, me possibilitaram ampliar esse conhecimento através de pesquisas de jovens realizadas por Pais (1993), Zinnecker (2006) em contextos europeus.

O contato acadêmico com os pesquisadores Roberto Monteiro² e Imbke Behnken³ no IV Fórum de Investigação Qualitativa e III Painel brasileiro-alemão de pesquisa, realizados em 2005 influenciou-me decisivamente na opção de pesquisar jovens inseridos, precocemente, no mercado de trabalho. Além da estranheza da pesquisadora alemã, Dr^a Imbke Behnken ao constatar a presença de pessoas muito jovens trabalhando informalmente nas ruas de Juiz de Fora. Essa estranheza contribuiu para que o foco do questionamento desta pesquisa fosse a questão de como os jovens se apropriam de espaços de vivência e incorporam as diversidades características dos contextos em que vivem e o modo como atribuem significado e organizam o espaço para trabalhar. A percepção da pesquisadora alemã, decorrente de sua experiência de múltiplos territórios acabou por me sensibilizar para um estudo de jovens inseridos no mercado informal de trabalho.

Para compreender como se dá no Brasil a relação entre juventude e trabalho, recorremos a Frigotto (2004) cuja pesquisa sobre juventude nas perspectivas de educação, trabalho e cultura, muito contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa.

A heterogeneidade caracteriza o tema “Juventudes” e aponta para um caminho investigativo onde não é possível tratar de uma única “Juventude”.

² Docente do Programa de Pós Graduação na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Coordenador do GRUPESQ- Grupo de Pesquisa e Estudos Qualitativos. Orientador desta pesquisa.

³ A Prof. Dra. Imbke Behnken é pesquisadora alemã, atuando na Universidade de Siegen, Alemanha.

Aprofundei o estudo das diversidades dos grupos juvenis, incorporando diferentes perspectivas teóricas de Juventudes acerca dessa categoria social. Esse aprofundamento, permitiu-me compreender juventudes como um processo composto de múltiplas trajetórias entre a infância e a idade adulta e não como um fenômeno puramente biológico, natural.

Também em meu percurso pela teoria considerei que o tema “Juventudes” é estudado nas literaturas disponíveis sob diversos enfoques – o legal, o econômico e o educacional. Cada um destes enfoques aborda, ainda, o tema sob diferentes pontos de vista.

Sob o enfoque legal, os jovens chamam a atenção das autoridades como vítimas ou protagonistas de problemas sociais. Políticas públicas são dirigidas a eles, focando questões de desemprego, de doenças sexualmente transmissíveis, de gravidez, de drogas e da violência. Tudo isso reforça no imaginário social a representação de juventude enquanto problema.

De um enfoque econômico, a população jovem representa uma fatia privilegiada do mercado consumidor. A exploração pela mídia desta ampla camada de potenciais consumidores gera uma profunda contradição. Poucos têm capacidade financeira para consumir os produtos oferecidos, apesar da imagem do jovem como consumidor ser freqüentemente difundida pela mídia e pela propaganda.

Sob o enfoque educacional, em especial considerando o que os sistemas escolares propõem aos jovens, é possível perceber uma distância entre o mundo escolar e o mundo juvenil. Mesmo tendo o Estado dispositivos legais que asseguram o acesso dos jovens à educação, sua permanência é sempre dificultada. Isso ocorre num contexto em que: primeiro, a escola não incorpora a cultura do jovem em seu currículo, tornando-a descontextualizada em relação às perspectivas juvenis; segundo, a relação da escola com o jovem é marcada pela desconfiança e pelas práticas de vigilância e monitoramento; terceiro, os professores tendem a tratar de forma igual aos desiguais ou a tratar de forma desigual aos iguais.

No Brasil, segundo dados do Instituto Cidadania (2004), “diferenças de classe, retroalimentadas por desigualdades sociais, resultam em altos índices de defasagem, abandono escolar e entrada precoce e precária dos jovens no mercado de trabalho.” (p.32). O documento do Instituto relata que tanto os jovens mais pobres quanto os de classe média aspiram combinar estudo e trabalho. Destaco que isso se deve ao fato de que a mesma sociedade que estabelece a equação do aumento do tempo na escola e a postergação da entrada no mercado

prisma de uma educadora eram melhores entendidas quando iluminadas pelos estudos de espaço, território e multiterritorialismo.

As questões de investigação foram evoluindo ao longo da pesquisa e podem ser formuladas como segue:

- ✓ Como os jovens “flanelinhas” se apropriam de seus espaços de vivência?
- ✓ Como os jovens “flanelinhas” incorporam as diversidades características dos contextos em que vivem?
- ✓ Como os jovens “flanelinhas” atribuem significado e organizam o espaço?

A dissertação está organizada em seis capítulos. O primeiro visa a apresentar-me como investigadora e delinear minha trajetória intelectual. O segundo esquematiza a estrutura conceitual construída ao longo da pesquisa. O terceiro apresenta a Metodologia adotada. No quarto, dedico-me a apresentar os achados da pesquisa. No quinto, organizo as considerações finais e esboço sugestões em decorrência da realização da pesquisa. No sexto, apresento as referências.

Estudar os “flanelinhas” foi para mim um desafio e uma oportunidade de aprendizagem a respeito de uma dimensão da prática social de incomensurável riqueza. Espero que essa dissertação possa oportunizar o compartilhamento de parte do muito que aprendi.

2 – Estrutura Conceitual

2.1 - Juventudes como Categoria Social.

Jovens da mesma idade, vão sempre viver juventudes diferentes. (NOVAES,2003 p. 121,).

Spósito (2001) apresenta “um balanço exaustivo da produção discente da Pós-Graduação em Educação de 1980 a 1998”, compreendendo a temática da juventude no Brasil. A autora alerta para um dos primeiros desafios dessa proposta, citando Mauger (1994,p.6), para quem o trabalho de “delimitação do domínio dos objetos” de grupos de pesquisa distintos já é um grande problema. Segundo Spósito (2001), esse autor visava “oferecer um quadro amplo do estado das investigações sobre os jovens na França” e, nesse processo, mostrou “as dificuldades presentes nesse intento, pois a primeira questão que se apresenta é a da própria definição da categoria juventude, considerada ‘epistemologicamente imprecisa’”.

Spósito (2003) acredita “que parte desta imprecisão” decorre da sobreposição indevida entre a fase da vida e os sujeitos concretos, em virtude de que os “atores” interessados na juventude, “sobrepõem os jovens (sujeitos) e sua fase de vida (juventude) como categorias semelhantes. A autora aponta, ainda, o pensamento de Abad (2003, p.10), o qual propõe outra distinção importante, entre a “condição (modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida) e a situação juvenil, as quais traduzem os diferentes percursos que a condição juvenil experimenta a partir dos mais diversos recortes: classe, gênero e etnia, entre outros.”

Assim, a autora traça um retrato da situação dos jovens brasileiros considerando as desigualdades sociais e as ações das políticas públicas para juventude. Nessa perspectiva, pretende identificar os desafios para a constituição de jovens em suas diversidades, “como sujeitos de direitos e não

mais como eventuais focos de problemas sociais que mereçam por parte do poder público, um conjunto de ações reparadoras ou de controle social.” Spósito (2003, p.10).

Spósito (2003) alerta, ainda, para a importância de se tomar a idéia de “juventude em seu sentido plural – juventudes -, em virtude da diversidade de situações existenciais que afetam os indivíduos nesta etapa do ciclo da vida.”

Segundo a autora (2003, p. 10), é preciso compreender que a “categoria sociológica juventude encerra, intrinsecamente, uma tensão que não se resolve: ela é ao mesmo tempo um momento no ciclo de vida, concebido a partir de seus recortes sócio-culturais e modos de inserção na estrutura social.”

Sobre as culturas juvenis, o estudo apresentado por Pais (1993), oferece um importante instrumento de análise, tendo em vista o meio social em que essa categoria se insere. Pais (1993), diferencia problemas sociais de problemas sociológicos na pesquisa sobre juventudes. Para ele, problemas sociais emergem de uma realidade material e social como é o caso dos problemas de inserção na vida profissional, dos problemas de falta de participação social, de droga, de delinqüência, bem como dos problemas que se referem à escola e à família. Os problemas sociológicos “são dirigidos essencialmente à interrogação da realidade: será esta o que parece ser? Por que se fala em problemas da juventude? Sempre os houve? Como surgiram?” (1993, p.21). Estas duas classes de problemas têm origens distintas, conforme assinala Pais (1993, p.22):

A teoria sociológica se vê cada vez mais confrontada com a necessidade de estabelecer rupturas com as representações correntes da juventude, isto é, de estabelecer rupturas com a doxa⁵ dominante, tentando em contrapartida, desenvolver em relação à realidade socialmente construída que é a juventude outra doxa mais firme que a espontânea, sem que hesite – é mesmo uma necessidade - em tornar-se paradoxal⁶.

⁵ Refere-se à *doxa* as opiniões contrárias e consuetudinárias. (Pais, 1993, p.22)

⁶ Não no sentido de aproximação à *doxa*, mas no sentido do prefixo grego ‘para’; isto é, no de oposição à *doxa* dominante. (Pais, op.cit., p. 22)

A sociologia da juventude, para Pais (1993, p. 23) tem “vacilado” entre duas tendências:

a) Numa delas, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase da vida, prevalecendo a busca de aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizam essa fase da vida – aspectos que fariam parte de uma cultura juvenil, específica, portanto, de uma geração definida em termos etários;

b) Noutra tendência, contudo, a juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis em função de diferentes oportunidades ocupacionais, isto é, nesta tendência a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens de diferentes situações sociais.

Pais (1993, p.32) considera que não devemos ficar reféns de uma única teoria, e que para dar conta dos “paradoxos da juventude” faz-se necessário articular as duas perspectivas. Dessa forma o autor entende que se as culturas juvenis aparecem com crenças, valores, símbolos, normas e práticas, esse conjunto tanto pode ser precedentes de gerações quanto de trajetórias de classe. Articulando as duas tendências, ele propõe que a juventude “seja olhada em torno de dois eixos semânticos: como aparente unidade (quando referida a uma fase da vida) e como diversidade (quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros).”

O aporte conceitual de Pais (1993) decorre de métodos antropológicos, como a etnografia e a história de vida e ainda da observação das práticas cotidianas de vários jovens. O autor revela que os modos de vida dos jovens expressam certos significados e valores, não só institucionais, mas também, simbólicos, individuais, tornando o conceito de juventude um conceito dinâmico. Essa ótica permite maiores possibilidades de viabilizar a compreensão da complexidade da vivência juvenil. Estar na escola passou a

definir a condição juvenil e a retardar a entrada dos jovens no mundo do trabalho.

Para Eisenstadt (1976), citado por Abramo (1994), Juventude pode ser entendida como categoria social, levando em consideração os tipos de sociedade onde esse fenômeno ocorre. Eisenstadt (1976) afirma que o processo de crescimento e envelhecimento é um fenômeno universal da vida social, porém cada sociedade define essas etapas atribuindo-lhes significados peculiares, o que nem sempre resulta na constituição de grupos homogeneamente etários. Para o autor, essa constituição se dá em virtude de critérios universalistas, distintos daqueles do âmbito familiar. A passagem da infância para o universo do adulto exige um grupo no qual o indivíduo em transição possa construir novas identificações e estabelecer novos vínculos, baseados em critérios universalistas.

Nas “sociedades primitivas⁷”, a passagem entre o universo infantil e o universo adulto é, altamente, institucionalizada e ritualizada e os grupos etários têm funções e lugares definidos no sistema social, esses grupos funcionam como ponto de encontro entre os sistemas de personalidade de seus membros e o sistema social, articulando-se um com o outro. Já nas sociedades modernas, vigoram “as máximas implicações dos critérios universalistas de distribuição de papéis e de orientação de valores universalistas, a transição para a sociedade adulta se torna muito mais complicada do que em outras.” Eisenstadt, (1976, p. 146).

Este autor ressalta, também, que tais grupos nem sempre desempenham a função de promover integração da personalidade, da solidariedade e da continuidade do sistema social. Em decorrência disso podem se tornar foco de “anormatividade” ou de propostas de transformação social, o que traz à tona o caráter potencialmente “problemático” dos grupos juvenis.

⁷ Não subscrevo a expressão sociedade primitiva usada por Eisenstadt (1976). Entretanto, a expressão foi mantida no texto por razões de fidelidade ao autor. O que importa considerar das idéias deste autor é a sua insistência na complexidade da transição da juventude para a adultez.

Abramo (1994, p. 4) salienta que “A juventude, aparece assim, como uma categoria especialmente destacada nas sociedades industriais modernas como um problema da modernidade”.

Ariès considera importante que a tomada de consciência de juventude seja vista como um fenômeno social e histórico. O autor fornece importantes elementos ao demonstrar como a infância, a adolescência e a juventude foram se tornando fases socialmente distintas da vida no desenvolvimento da sociedade ocidental. Isso se deu através da instituição progressiva de um espaço separado de preparação para a vida adulta. O autor afirma que na sociedade medieval não havia separação entre o mundo infantil e o adulto, nem entre o mundo familiar e o mundo social mais amplo, o que havia era uma sociabilidade coletiva que não separava características etárias e sociais. Nessa sociedade, “as comunicações sociais eram realizadas, portanto, fora da família, num “meio” muito denso e quente composto de vizinhos, amigos, amos e criados, crianças e velhos, mulheres e homens” (Ariès, 1981 p. x). No final do século XVII começaram ocorrer diversas mudanças nos processos sociais. Em primeiro lugar a transformação da família, juntamente com a profissão, essa transformação polarizou vida social e fez desaparecer a antiga sociabilidade coletiva. Progressivamente, a família passa a ser um lugar de afeição entre os cônjuges e entre pais e filhos, o que não acontecia antes, tornando-se elemento central nas relações afetivas e morais de seus membros. Em decorrência, disso, a família “começou então a se organizar em torno da criança e a lhe dar tal importância, que a criança saiu de seu antigo anonimato” (Ariès, 1981, p. xi).

Outra mudança ocorrida, diz respeito à escola, pois nesse espaço começou-se a substituir a aprendizagem informal como meio de educação com o objetivo de transformar os modos de aprender da criança. Em consequência, a criança deixou de ser misturada aos adultos, com isso o aprendizado de vida que adquiria, diretamente, através do contato com eles, também deixou de existir. A instituição da co-educação foi outra mudança que teve repercussão sobre as relações sociais de gênero, pois a escolarização que se resumia a crianças e jovens do sexo masculino passou a abranger, também, as mulheres.

Dado que nesta pesquisa visei ao estudo das juventudes na contemporaneidade, a obra de Ariès (1981) apesar de focalizar mais a infância se aplica a ela, tendo em vista que o autor considera a 'juventude', tal como a infância, categoria socialmente produzida. Conseqüentemente, o tratamento dado aos jovens pela sociedade ganha contornos particulares de acordo com os contextos sociais, culturais e históricos distintos.

O tema Juventudes, em si, é polêmico, tanto do ponto de vista dos teóricos das correntes sociológicas, psicológicas ou culturais; como do ponto de vista das pessoas no cotidiano, as quais emitem opiniões por influências ou por observações, que nem sempre retratam a realidade. As gerações mais velhas constroem parâmetros para a juventude através de dicotomias entre certo/errado, bom/mau, pode/não pode e, a partir daí constroem mitos em torno dos jovens.

Considerarei que Juventudes são muitas, porque muitas são as diversidades culturais. Logo, os valores variam através do tempo, do momento histórico e da construção cultural, que formam o escopo da pluralidade "juventudes". Preconceitos produzidos pela linguagem, em torno da rebeldia e da irreverência comum a essa fase acabam por legitimá-la muitas vezes e, erroneamente, como um problema. Os problemas atribuídos a juventude são, na verdade, ideologias que atravessam as estruturas e relacionamentos sociais.

É de suma importância evidenciar o que os jovens pensam de si próprios, de seus contextos, a partir de suas histórias e da possibilidade de compartilhar dos seus espaços. Nesta pesquisa minha intenção não foi a de unificar, homogeneizar, sintetizar ou cristalizar uma etapa da vida, mas de compreendê-la em toda sua complexidade.

Na visão de Bourdieu (1980), considerar "jovens" como uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns e relacionar esses interesses a uma idéia definida biologicamente, constitui uma "manipulação evidente"; mais adequado seria tratar de juventudes, no plural, conforme, também nos propõem Pais (1993); Abramo (1994, 2003, 2005); Spósito (1997, 2001, 2002, 2003), dada a dificuldade de um conceito unívoco de juventude.

2.2 - A passagem da Juventude para a Aduldez

Se lembra quando a gente chegou um dia a acreditar que tudo era pra sempre sem saber que o pra sempre sempre acaba? Mas nada vai conseguir mudar o que ficou ... quando penso em alguém só penso em você e aí, então, estamos bem mesmo com tantos motivos pra deixar tudo como está nem desistir, nem tentar agora, tanto faz. Estamos indo de volta pra casa. (RUSSO, Renato. Por Enquanto. Intérprete: Renato Russo. In: Renato Russo. **Legião Urbana**. [S.l.]: Emi-Music Brasil, p1981.1CD. Faixa 11.)

É muito difícil delimitar as fronteiras da juventude entre a infância e a adultez, tendo em vista a heterogeneidade existente no processo de transição, relativo aos contextos históricos, sociais, culturais e as diferenças de classe.

Para Pais (1993, p. 323):

surge de modo cada vez mais visível uma folga intergeracional na qual alguns jovens parecem viver um período moratório, antes que consigam definir uma relação satisfatória e inequívoca entre os seus projectos de vida e os modos credíveis para os concretizar.

De acordo com esse autor, alguns sociólogos defendem a juventude como um tempo de espera. Em suas próprias palavras, juventude seria para estes sociólogos

tempo de espera, em relação a uma quádrupla responsabilidade: produtiva (através de um status estável ocupacional, laboral ou profissional); conjugal (constituição de uma relação conjugal estável); doméstica (obtenção de alojamento próprio, estável e autónomo) e familiar (constituição de uma prole dependente). Pais (1993, p.328).

Os resultados de sua pesquisa mostram que “os jovens não se limitam a esperar, mas adoptam formas específicas de *status* operacional, conjugal, doméstico diferentes das do adulto.” Pais (1993, p.328). Em sua análise, os jovens

“matam” o excesso de tempo em atividades de lazer e em torno dessas atividades, a juventude ganha especificidade unitária, podendo, também, ser compreendida em sua diversidade, pois em cada meio social e em cada classe social encontram-se formas específicas de os jovens viverem e de entenderem a sua temporalidade existencial.” Segundo Pais (1993) as formas de transição da juventude para a adultez divergem de acordo com a origem social dos jovens e as suas trajetórias. Essas trajetórias “parecem ser não apenas pela origem de classes, mas pelos destinos de classe”.

Para Abramo (1994), nas sociedades modernas, ocorre uma segmentação dos espaços de elaboração das identidades e das relações solidárias necessárias à transição de uma faixa etária para outra. Segundo a autora, a escola é a instituição designada a assumir a responsabilidade por este segmento da vida social.

Zinnecker (2006) fez um balanço de 40 anos de pesquisa sobre a juventude alemã. O autor diz de uma “Moratória da Juventude” enquanto campo social de lutas e de forças é “um terreno minado, violentamente disputado” no qual não se visa a examinar verdades, mas o que vale são as regras sociais e os costumes específicos; nele se debate e se organiza a tarefa de como uma sociedade

brasileiros, principalmente, os de classe baixa, começam a trabalhar muito cedo, alguns, ainda na infância e em situações precárias.

Podemos considerar que o que existe no Brasil é uma parcela significativa de crianças e jovens que dividem o tempo entre estudo e trabalho, seja no intuito de complementar as despesas da família, seja para financiar seus próprios estudos e/ou para usufruir de bens materiais, culturais ou de lazer.

Frigotto (2004) ao escrever sobre o tema Juventude, trabalho e educação no Brasil, relata que não é por escolha que os jovens filhos de trabalhadores assalariados, estão inseridos, precocemente, no mercado de trabalho, mas por imposição de sua origem social. Para o autor, esses jovens “tendem a sofrer um processo de adultização precoce.” Essa situação, porém, “é diversa da dos jovens de classe média, ou filhos dos donos de meios de produção, que estendem a infância e a juventude.” A este fenômeno Carrano (2003) denomina “ Geração Canguru”.

A “geração canguru”⁸, para Carrano (2003) é uma “restrição voluntária da autonomia” em que “os jovens se vêem lançados, a uma situação de marginalidade social face ao prolongamento do sentido de um futuro indeterminado.” O autor relata que a consciência dos jovens para com o mercado de trabalho, faz com que na condição de universitários mantenham, “excessivamente”, suas matrículas ativas prolongando “artificialmente” a condição social de membros das juventudes.

É possível perceber que três processos na passagem para a vida adulta são evidentes: a) a partida da família de origem; b) a entrada no mercado profissional; c) a formação de outra família. No entanto, a condição juvenil não se resume apenas na preparação para uma vida adulta futura. No dizer de Abramo (2003 p. 222) “a juventude se alargou no tempo e no espaço social, e ganhou uma série de conteúdos próprios.”

⁸ Denominação dada aos jovens que moram com seus pais, mesmo depois de contrair matrimônio ou terem filhos.

Nesse sentido, entendemos que ser jovem não é apenas um breve espaço de tempo de preparação, mas um movimento de inserção profissional, cultural, afetivo e sexual. Um momento de experiências e de tentativas de construção de caminhos.

Nos estudos sobre juventudes, já abordados até aqui, é possível verificar que os pesquisadores estudados fazem alguns movimentos intelectuais coincidentes: primeiro, conceituam juventudes. Segundo, a defendem enquanto categoria social e depois a definem como passagem da infância para adultez. O que os difere são os contextos políticos, históricos, culturais e econômicos analisados. Tomarei, a título de exemplo, de um lado a realidade da Alemanha e o pensamento de Zinnecker (2006) sobre “Moratória da Juventude”, em que o jovem fica liberado do trabalho e de responsabilidades, e de outro lado, os jovens brasileiros, que na grande maioria, por necessidade de sobrevivência, precisam estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Esse exemplo evidencia as dimensões econômicas e sociais como pontos relevantes de análise para estudar Juventudes em nosso país, onde, diferenças econômicas e de classes influenciam, decisivamente a passagem da infância para adultez. Basta olhar para o cotidiano dos jovens brasileiros e verificar que aqueles oriundos de classes favorecidas, podem, sim, se darem ao luxo de “esperar” a inserção no mercado de trabalho de acordo com seus projetos e os de sua família, ao passo que nas classes menos favorecidas, os jovens não têm a mesma chance da “espera”, o que ocorre é a precessão⁹ da juventude, numa forma de anteceder a adultez.

⁹ O termo precessão foi cunhado aqui, em vista do sentido de adiantamento do pagamento de dívida; em oposição ao termo “moratória” que é o adiamento do pagamento.

2.3 - Espaço e território: compreendendo o trabalho dos “flanelinhas”

Não há uma só criação do espírito humano que não esteja de alguma forma, relacionada com o mundo do espaço e que não busque, de alguma maneira, sentir-se à vontade dentro dele. Tentar conhecer este mundo é dar o primeiro passo no sentido da objetivação, através da apreensão e da determinação do ser. (CASSIRER, 1957, p. 150)

Os jovens “flanelinhas” trabalham em locais de concentração de veículos e para a execução desse trabalho, informal, organizam o espaço em “pedaços” de modo que um número maior de veículos fiquem estacionados, bem como para a identificação daqueles de suas responsabilidades.

Os locais onde se constitui o trabalho dos “flanelinhas”, denominados por eles, como “pedaços” podem ser compreendidos dentro dos conceitos de espaço e território. Alguns elementos teóricos da geografia serão invocados visando compreender a apropriação que esses jovens fazem dos espaços delimitando-os em territórios. Para isso, me valho dos conceitos de Santos (1985,1996,2002a,2002b, 2004); Raffestin (1993), Haesbaert (2004a, 2004b) e Souza (1995),

Santos (2004, p.151) propõe que “para abrir um debate válido, a primeira pergunta que devemos fazer é a seguinte: podemos encontrar uma definição única dessa categoria espaço?” Tal proposta nos remete a dois posicionamentos diferentes – num o espaço é visto como “categoria permanente”, “espaço de todos os tempos” noutra o espaço visto como “espaço de nosso tempo”.

Como categoria permanente, o espaço é preenchido “por relações permanentes entre elementos lógicos encontrados, através da pesquisa do que é imanente, isto é, do que atravessa o tempo e não daquilo que pertence a um tempo dado e a um dado lugar.” Santos (2004, p.151). Por outro lado, a noção de “sistema social atravessa a noção desse tempo e desse lugar e é o fundamento da definição desse *nosso espaço*.”¹⁰ Dessa forma aquelas dimensões de espaço se

¹⁰ Para Milton Santos (2004, p.152) as definições não podem ser imutáveis, fixas, eternas.

cruzam e “o conhecimento do espaço como categoria universal se inclui no conhecimento do espaço como categoria histórica e vice-versa.” Santos (2004, p. 152).

Em suas palavras Santos (2004, p.153) expõe que

o espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através das funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço, é então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares.

Santos (2004, p. 203) reconhece, também, o espaço humano como resultado de produção. Para ele “o ato de produzir é, ao mesmo tempo, o ato de produzir espaço.” A produção supõe a intermediação entre o homem e a natureza através de técnicas e de instrumentos de trabalho e esta organização social, pressupõe uma organização do espaço. Não basta, portanto, dizer que “o espaço é o resultado da acumulação do trabalho da sociedade global.” É preciso levar em consideração que os homens se dividem em classes. Sobre isso, Santos (2004, p. 262) propõe que:

A sociedade se transforma em espaço através da redistribuição sobre as formas geográficas, e isto ela faz em benefício de alguns e em detrimento da maioria; ela também o faz para separar os homens entre si, atribuindo-lhes um pedaço de espaço segundo um valor comercial .

Esse pensamento contribui para a compreensão de aspectos do espaço urbano da cidade mineira de Juiz de Fora, sobre os quais me debrucei nesta pesquisa.

Logo é possível compreender que o “pedaço” de espaço explorado por jovens de classe desfavorecida que ficam nas ruas, pedindo dinheiro em troca da vigilância de veículos que ficam estacionados em vias públicas enquanto seus

donos se divertem ou vão às compras, tem um valor comercial na dinâmica do trabalho informal exercido por estes jovens.

Espaço e Território: falamos de quê?

SANTOS (1996) faz um alerta para que não se confunda o espaço com o território. Em sua obra *metamorfoses do espaço habitado*, território é uma configuração territorial e definidora de um todo. Entretanto, o espaço é uma totalidade verdadeira, numa articulação entre a configuração territorial, a paisagem e a sociedade. Para o autor:

Podem as formas, durante muito tempo, permanecer as mesmas, mas como a sociedade está sempre em movimento, a mesma paisagem, a mesma configuração territorial, nos oferecem, no transcurso histórico, espaços diferentes. (SANTOS, 1996, p. 77).

Esses espaços diferentes, as espacialidades singulares, são resultados das articulações entre a sociedade, o espaço e a natureza. Assim, o território poderá adotar espacialidades particulares, conforme o movimento da sociedade (nos seus múltiplos aspectos: sociais, econômicos, políticos, culturais e outros).

Para Santos (2002a), a formação do território perpassa o espaço e a forma do espaço é encaminhada segundo as técnicas vigentes e utilizadas no mesmo. O território pode ser distinguido pela intensidade das técnicas trabalhadas, bem como pela diferenciação tecnológica, uma vez que os espaços são heterogêneos. O território para Santos (2002a) configura-se pelas técnicas, pelos meios de produção, pelos objetos e coisas, pelo conjunto territorial e pela dialética do próprio espaço. É na base territorial que tudo acontece.

A história, segundo Santos (1985), é que define como será organizado o território, ou seja, o que será o território e como serão as suas configurações econômicas, políticas e sociais. O autor evidencia o espaço como variável por meio de seus elementos quantitativos e qualitativos, partindo de uma análise histórica.

Com base nos estudos realizados por Santos (1985, 1996, 2002a, 2002b, 2004), entende-se que a dinâmica do trabalho dos “flanelinhas” pode ser compreendida em termos de estratégias que eles próprios estabelecem definindo um modo de ocupação de espaço e de territorialidade.

Todavia, avançando com a pesquisa empírica e com os estudos teóricos percebemos que as noções de espaço e de território podem, também, ser compreendidas em outras dimensões, motivo pelo qual buscamos o pensamento de Raffestin(1993), para ampliar a compreensão do conceito de território.

Raffestin (1993 p. 143) aponta que “ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator “territorializa o espaço.” Neste sentido, o conceito de território é:

um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por conseqüência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a “prisão original”, o território é a prisão que os homens constroem para si. (RAFFESTIN. 1993, p.144).

A partir desse conceito, Raffestin (1993, p.158) deriva outro conceito: a “multidimensionalidade do ‘vivido’ territorial pelos membros de uma coletividade,

Podemos compreender, dessa maneira, que as relações sociais são responsáveis por transformar espaço em território. O espaço é duradouro e o território, provisório. Embora espaço e território sejam fundamentais para que se realizem as relações sociais, essas relações, também produzem espaços e territórios, de forma contraditória, solidária e conflitiva.

O modo de abordar a noção de território em Raffestin (1993), contribuiu para a compreensão das estratégias utilizadas pelos “flanelinhas” visando à manutenção do território de atuação. Nos trabalhos realizados no campo, percebi que a organização espacial utilizada por esses jovens, pressupõe estratégias de dominação e manutenção para que outros jovens trabalhadores não invadam o território estabelecido.

Todavia, Souza (1995) alerta que Raffestin (1993), cometeu um “equivoco de coisificar, reificar” o território, para ele:

sempre que houver homens em interação com um espaço, primeiramente transformando a natureza (espaço natural) através do trabalho, e depois criando continuamente valor ao modificar e retrabalhar o espaço social, estar-se-á também diante de um território, e não só de um espaço econômico: é inconcebível que um espaço que tenha sido alvo de valorização pelo trabalho possa deixar de estar territorializado por alguém. Assim como o poder é onipresente nas relações sociais, o território está, outrossim, presente em toda espacialidade social – ao menos enquanto o homem também estiver presente. (Souza 1995, p. 96).

Além disso, segundo Souza (1995 p. 97), Raffestin (1993), “praticamente reduz espaço ao espaço natural, enquanto que território de fato torna-se, automaticamente, quase que sinônimo de espaço social”.

Para Souza (1995) o território é, fundamentalmente, um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder. O território é:

um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre 'nós' (o grupo, os membros da coletividade ou 'comunidade', os *insiders*) e os 'outros' (os de fora, os estranhos, os *outsiders*) (SOUZA, 1995, p. 86)

O que é importante na concepção desse autor é que o território precisa ser compreendido como um espaço socialmente construído, ocupado por grupos sociais. Um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território. Territórios, nessa concepção, são relações sociais projetadas no espaço. As ruas marcadas pela presença de bares, boates, comércio, levam pessoas e veículos e criam, também, a possibilidade para os “flanelinhas” de Juiz de Fora de conquistar o “pedaço” para trabalhar.

A apropriação pelos “flanelinhas” desses espaços nas ruas públicas, pode também ser entendido dentro da ótica de Souza (1995) se entendermos que esses espaços podem se dissipar, por serem instáveis, mesmo que o substrato espacial permaneça. Ou seja, o que faz com que um lugar seja escolhido pelo “flanelinha” para trabalhar, é o fato de ali ter movimento de pessoas e concentração de veículos, seja por comércio ou lazer. Entendemos dessa forma que os “flanelinhas”, escolhem, estrategicamente, o lugar para trabalhar e que há mobilidade nesses “pedaços”. Outra situação que aqui pode ser analisada é a temporalidade. A apropriação do espaço se dá em momentos definidos de um ambiente. No caso dos “flanelinhas” que trabalham nas proximidades de boates, por exemplo, percebemos que em horários e noites que a boate não funciona, não há vestígio de apropriação de espaço. Apresenta-se aqui a característica do território de ser “flutuante”, tendo em vista a área de influência que desliza sobre o espaço concreto.

Também é possível analisar à luz de Souza (1995) que as instituições, as empresas e os mais diversos agentes sociais desenvolvem suas próprias estratégias de apropriação do território, suas territorialidades, freqüentemente, justapostas sobre o mesmo espaço social, em razão do que explodem os conflitos. Em sua forma reacionária tem-se o territorialismo, no qual o controle territorial é um imperativo para os grupos sociais, que promovem o fechamento do espaço social, recusando o acesso do outro. O territorialismo fica evidente porque os limites são demarcados por muros, o acesso é controlado por segurança, a circulação é monitorada por circuitos de TV. Um exemplo é a blindagem feita nos lugares que abrigam os indivíduos de classes favorecidas da cidade.

Embora Souza (1995) discorde em algum ponto do pensamento de Raffestin (1993) ambos contribuem teoricamente para a compreensão do espaço onde trabalham os “flanelinhas” de Juiz de Fora.

Mas fica a pergunta, “flanelinhas” conquistam território?

Os “flanelinhas” inserem-se na paisagem da cidade, buscam demarcar e consolidar territórios, contrapondo-se as normas legitimadas de locais públicos para uso de estacionamento. Para tanto, formam grupos sociais e utilizam-se de algumas estratégias de organização para se manterem. O “pedaço” é uma conquista e não uma disputa.

Cada grupo de “flanelinhas”, elege uma parcela do espaço para trabalhar. Esta passa a que lhe pertencer, estabelecendo territorialidades particulares em cada “pedaço”.

Os diversos grupos de “flanelinhas” que atuam nas ruas de Juiz de Fora, buscam em suas ações, posse, manutenção e ampliação de sua base territorial. A fronteira é estabelecida nas relações produzidas no espaço, na separação de “nós”¹¹ e “eles”.

O que seria de “nós” sem “eles”? A difícil dialética das ruas.

Enquanto acompanhei o trabalho dos jovens “flanelinhas” nas ruas de Juiz de Fora, uma das minhas propostas foi a de compreender como estes jovens atribuíam significado ao lugar. Todavia, percebi que o lugar não tem um significado por si só, o que dá significado ao lugar são as relações que nele se estabelecem.

Tanto nas entrevistas, quanto ao acompanhar o trabalho dos “flanelinhas” nas ruas, percebi uma clara distinção que eles fazem entre “nós” e “eles”. Esta dicotomia pôde ser percebida, quando os “flanelinhas” se referiam aos donos de veículos, aos freqüentadores dos bares, dos restaurantes, das boates, dos shoppings e da padaria como “eles”.

¹¹ Nós, neste contexto, é sob o ponto de vista dos “flanelinhas”.

Logo, pude perceber que essa separação entre “nós e “eles” na maioria das vezes, são relações de conflitos. De um lado, “nós”. “Flanelinhas” presentes ali para trabalhar como segurança particular de veículos, e em troca ganhar “d’eles” uma quantia espontânea em dinheiro. “Eles”, estão ali para se divertir e se vêem coagidos por “nós”. “Eles” dizem sofrer uma pressão social, ao passo que “nós” se colocam como trabalhadores, que prestam um serviço de segurança particular.

Mas, quem são “eles”?

“Eles” freqüentam lugares badalados e luxuosos, estudam em escolas caras e andam de carrão. Carregam pastas de couro. “Eles” se fecham em salas de aula e falam outra língua. Gostam de escrever para si e de si mesmos. Eles freqüentam livrarias, usam óculos. “Eles” dão nomes complicadíssimos para as coisas mais simples. “Eles” também simplificam temas como Deus, o tempo, a morte e a vida. “Eles” definem o belo e o feio, o bom e o mau, o bem e o mal, o certo e o errado. “Eles” fazem as leis e as regras e não gostam de cumpri-las. “Eles” acham que a pobreza mora em um bairro distante. “Eles” fazem orações às escondidas e cultuam ideologias. “Eles” têm medo da subida do colesterol e da queda do dólar. Assentam-se nos bares e discutem política, religião, nunca falam de idade. “Eles” pedem uma gelada e têm uma lista de ídolos. “Eles” costumam achar que tudo que fazem é ciência, se julgam intel

deixam escapar crueldades frente a um dos seus. “Eles” misturam descontentamento e piedade quando vêem garotos no semáforo ou quando vêem “flanelinhas” nas janelas de seus carros. Torcem a cara para os jovens vendendo CD’s piratas em suas mesas. “Eles” gostam de falar de “assistencialismo” e afirmam não ter culpa. “Eles” se permitem pequenos escândalos na porta das boates ou nos fins de noite na saída dos restaurantes. “Eles” adoram garçons simpáticos e pedem sempre mais um chope depois que a conta está paga. “Eles” parecem ter a consciência tranqüila, passeiam com cachorros pelas calçadas e recolhem o lixo em sacos recicláveis. Eles são exatos no cumprimento dos horários e às sextas-feiras, dão plantão nas baladas. Pagam a conta com dinheiro de plástico e guardam no carro o trocado do pedinte. “Eles” entopem ruas estreitas com seus carros grandes. Vestem-se bem, são cheirosos, de perfumes de nomes

pensarmos as contradições da realidade e a compreendemos como essencialmente contraditória.

O território ganha uma identidade na coletividade que nele vive e que o produz. O território é ao mesmo tempo flexível, dinâmico, contraditório e por isso dialético. É a produção humana, a partir do uso dos recursos do espaço.

Compreender o território dos “flanelinhas” envolve uma junção de diversas definições acerca do território. Como os diversos territórios dos grupos apresentam uma temporalidade e espacialidade transitórias é necessário discutir o que é reproduzido e que as produz.

Compreender um território é, portanto, considerar as interações entre um grupo social e seu território. Porém, isso significa situar o grupo social, o território e suas interações em um conjunto mais ou menos vasto. Um território, um grupo social não são isolados. Eles efetuam trocas com o exterior.

A cidade apresenta uma imbricada rede de territórios que se superpõem que se harmonizam ou se conflitam. Pode-se afirmar, que nem sempre e nem todo espaço é um território, pois, os territórios se movimentam e se fixam sobre o espaço geográfico e dentro desse espaço existem diferentes territórios, constituindo o que Haesbaert (2004a, 2004b) denominou de multiterritorialidades.

Para falar em multiterritorialidade, no pensamento de Haesbaert (2004a, 2004b), é essencial compreender o que ele entende por território e por territorialidade. Para o autor:

o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de terreo-territor (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar.” Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação. (HAESBAERT 2004a, p.01)

Haesbaert (2004a), atento às proposições de Lefebvre, entende que território tem haver com poder, não com o poder político, simplesmente, mas com o poder no sentido de apropriação. Apropriação seria um processo simbólico,

“carregado das marcas do vivido”, do “valor de uso”; dominação é mais concreto, está vinculado ao valor de troca. (Lefebvre, 1986 *apud* Haesbaert, 2004a, p. 02)

O uso reaparece em acentuado conflito com a troca no espaço, pois ele implica “apropriação” e não “propriedade”. Ora, a própria apropriação implica tempo e tempos, um ritmo ou ritmos, símbolos e uma prática. Tanto mais o espaço é funcionalizado, tanto mais ele é dominado pelos “agentes” que o manipulam tornando-o unifuncional, menos ele se presta à apropriação. Por quê? Porque ele se coloca fora do tempo vivido, aquele dos usuários, tempo diverso e complexo.

Nesse sentido, o pensamento demonstra que enquanto “espaço-tempo vivido”, o território é sempre múltiplo, “diverso e complexo”, e deve ser trabalhado na multiplicidade de suas manifestações, que é acima de tudo multiplicidade de poderes.

Haesbaert (2004b, p.344), nos diz que

(...) a existência do que estamos denominando multiterritorialidade, pelo menos no sentido de experimentar vários territórios ao mesmo tempo e de, a partir daí, formular uma territorialização efetivamente múltipla, não é exatamente uma novidade, pelo simples fato de que, se o processo de territorialização parte do nível individual ou de pequenos grupos, toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios. Em certo sentido, teríamos vivido sempre uma “multiterritorialidade.

Para Haesbaert (2004b), multiterritorialidade inclui uma mudança não apenas do ponto de vista quantitativo, tendo em vista a maior diversidade de territórios que se colocam ao dispor das classes mais privilegiadas, mas também por uma dimensão qualitativa, na medida em que temos a possibilidade de combinar a intervenção e a vivência, concomitante, de uma enorme gama de diferentes territórios essa condição é dita por Haesbaert (2004b), como uma condição pós-moderna.

3 - A NATUREZA QUALITATIVA DA ABORDAGEM METODOLÓGICA

A Metodologia utilizada para esta pesquisa foi de cunho qualitativo tendo em vista o objetivo de compreender jovens inseridos no mercado de trabalho informal, no contexto urbano da cidade de Juiz de Fora, trabalhando como “flanelinhas”.

A opção por esta abordagem veio da possibilidade de investigar fenômenos sociais em um contexto natural. Não seria viável, diante das diversidades culturais e sociais presentes no espaço urbano, partir de questões específicas e/ou hipóteses pré-estabelecidas.

Ao contrário, privilegiei a compreensão desses contextos a partir da ótica e da linguagem dos próprios sujeitos envolvidos na investigação. Dessa forma os dados foram coletados durante um prolongado contato com estes jovens. Não me vali de critérios de seleção rígidos para selecionar os sujeitos. Optei por trabalhar com pessoas jovens e a partir da visita em seus contextos, espontaneamente, elas

Textos etnográficos, são pois, construções interpretativas, feitas pelo pesquisador, a partir das interpretações que os sujeitos fazem de sua própria experiência e que ele procura compreender.

Foi o processo intersubjetivo, através da linguagem e a minha presença no campo como observadora, que propiciaram o acesso a cultura dos jovens estudados.

A observação participante, deve ser entendida como um processo, onde, primeiro, o pesquisador atua como participante e ganha acesso ao campo e as pessoas e depois sua observação deve se concentrar nos aspectos essenciais da pesquisa.

Spradley (1980) *apud* Flick (2004) apresenta três fases da observação participante: A primeira fase, observação descritiva, ocorre no início da investigação dando ao pesquisador uma orientação para o campo em estudo e lhe propiciando descrições genéricas que contribuem para “apreender a complexidade do campo, na medida do possível, ao mesmo tempo em que desenvolve questões de pesquisa e linhas de visão mais concretas.” (Flick, p.153). A Segunda fase, observação focal, “na qual a perspectiva restringe progressivamente aqueles processos e problemas que forem os mais essenciais para a questão da pesquisa.”¹². A Terceira fase, observação seletiva, ocorre próximo ao final da coleta de dados e busca evidências para os tipos de processos encontrados na segunda etapa.

Para Flick (2005), na observação participante, é essencial obter uma perspectiva interna sobre o campo estudado e ao mesmo tempo “sistematizar a condição de estranho”. Somente se o pesquisador alcançar esta sistematização será possível “visualizar o particular naquilo que fizer parte do cotidiano e da rotina no campo.” Não deve o pesquisador, perder a perspectiva crítica externa ao adotar os pontos de vistas compartilhados no campo. Isso seria como transformar-se em um nativo. Flick (p.155,2005) considera que

¹² Penso após analisar o seu conteúdo, que a melhor construção para esta sentença seria: na qual a perspectiva se restringe progressivamente àqueles; ao invés de “ na qual a perspectiva restringe progressivamente aqueles.” Provavelmente ocorreu aí um problema de tradução.

O processo de virar um nativo, contudo, é discutido não apenas como um erro do pesquisador, mas também como um instrumento para refletir o próprio processo do indivíduo de tornar-se familiar e adquirir *insights* dentro do campo em estudo, o qual seria inacessível com a manutenção da distância. Entretanto, a meta da pesquisa não se limita à familiaridade com a auto-evidência de um campo, que poderia ser suficiente para uma participação de sucesso, mas não para uma observação sistemática.

Os pesquisadores que procuram um conhecimento sobre as relações no campo estudado, indo além da compreensão cotidiana, também precisam manter aquela distância que lhe garanta um estranhamento. Desta maneira é preciso reiterar a tarefa de compreender através dos olhos do outro, onde o sujeito da pesquisa é um “parceiro dialógico”. (Koepping, 1987 *apud* Flick, 2005).

Utilizei a estratégia de observação participante, no contexto da pesquisa, articulando-a com entrevistas. Estas desempenharam um papel fundamental em meu processo de coleta de dados.

A entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo. (BOGDAN & BICKLEN, p. 134, 1994).

Utilizei entrevistas abertas, com questões descritivas e questões de contraste, conforme a proposição de Sprandley (1979) *apud* Flick (2005). Ao responder as questões descritivas, ficava demonstrado como os informantes organizaram seus pensamentos diante dos assuntos abordados. As questões de contraste forneciam informações sobre as dimensões de significado utilizadas pelos informantes em seu mundo.

O material produzido por este tipo de entrevista assegurou densidade e profundidade maior do que entrevistas estruturadas ou questionários. As entrevistas permitiram-me captar o universo dos jovens, melhor do que outras estratégias seriam capazes de elucidar. Desta forma, deixei de lado a preocupação com a objetividade (no sentido do meu não envolvimento) e assumi uma postura onde entrevistado e entrevistador, tornaram-se, ambos, em

condições para o aprofundamento de uma relação intersubjetiva, essencial para o êxito da pesquisa.

Estes processos intersubjetivos destacam o papel da linguagem (Monteiro, p. 15, 2005), através de quem recebemos a influência de Gadamer (1979) relativamente à conversação. A orientação de Montei

Em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os “flanelinhas” utilizaram para definir significados, para organizarem os espaços que dividem e para regularem a conduta de uns em relação aos outros é que me permitiu interpretar significativamente as suas ações.

Quanto à significação, Geertz, (p. 32, 1989), aponta para duas questões:

A primeira delas é que a cultura é melhor vista não como complexos de padrões concretos de comportamento - costumes, usos, tradições, feixes de hábitos , como tem sido o caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções (o que os engenheiros de computação chamam “programas”) - para governar o comportamento. A segunda idéia é que o homem é precisamente o animal mais desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora de pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento.

Isso significa que o homem nasce com os aparatos que lhe possibilitaria viver diversos tipos de vida, mas ele acaba vivendo uma só, ou seja, ao nascer e ser inserido em uma cultura é através dela que cada sujeito se desenvolverá, é de acordo com os programas previstos naquela sociedade que ele se comportará. Essa indicação de Geertz (1989) me fez compreender porque o contexto social, em que cada sujeito está inserido, é relevante para compreender cultura. Foi, portanto, fundamental neste estudo considerar as ações e manifestações em contexto, isto é um contínuo tempo de vivências.

As minhas interpretações ganhavam significados quando os acontecimentos eram observados nos contextos que, tal como um cristal diante da luz solar, gerava muitas cores de diversas tonalidades. Assim, a conduta dos “flanelinhas” se revelou, desde a sua aparente obscuridade, do mesmo modo como a partir da aplicação da luz solar sobre o cristal se revela a multiplicidade das cores. O cerne do fenômeno antes oculto assim se tornou explícito. Talvez seja por isso que os “flanelinhas” levantem tantas polêmicas - Cada pessoa vê neles diferentes tonalidades e diferentes formas de um mesmo fenômeno.

4 - ACHADOS DA PESQUISA

Encosta, encosta, vira, vira o jogo. Tá bom! Dirige bem, madame! Vou dar uma olhadinha, pode ser?
("Flanelinha" em Alto dos Passos, nov. 2006.)

Neste capítulo destaco as diversas estratégias de natureza qualitativa de que me utilizei para recolher os dados nesta pesquisa. Em um primeiro momento, fiz uso de estratégias, tradicionalmente, associadas à etnografia, tais como observação e entrevistas coletivas, não estruturadas, com "flanelinhas" em seus locais de atividades. Em todas essas circunstâncias procurei colher perspectiva e a linguagem próprias dos sujeitos estudados.

Nas seções que seguem procuro apresentar a variedade que compõe o *corpus* de dados da pesquisa. São sete os contextos nos quais procurei coletar dados para investigação¹³. Cinco dos contextos da pesquisa foram escolhidos por serem locais de trabalho dos "flanelinhas". Minha intenção era acompanhar o dia-a-dia desses jovens. O primeiro local tratava-se de uma rua onde se localiza um Shopping Center, em um bairro de classe média na cidade de Juiz de Fora. Essa rua é conhecida por ser uma rua comercial onde se encontram instalados, além do shopping center, outros estabelecimentos comerciais e financeiros, é grande o número de veículos estacionados e, conseqüentemente, de "flanelinhas".

O segundo contexto, tratava-se de uma avenida, onde a concentração de veículos e o fluxo de pessoas ocorre durante a noite e a madrugada, por causa de uma boate muito freqüentada. Durante o tempo em que estive no local, fazendo as observações, pude perceber que a presença dos "flanelinhas" era uma constante durante toda a madrugada.

O terceiro contexto da pesquisa foi numa rua na qual existe uma padaria. Nesta rua os "flanelinhas" se revezavam durante todo o dia, pois tinham por

¹³ As observações que realizei se estenderam para mais de sete locais, entretanto eu escolhi apenas sete como contribuidores principais da base de dados da pesquisa, na redação da dissertação.

objetivo tomar conta de veículos estacionados por pessoas que iam à padaria ou a outros estabelecimentos comerciais naquela proximidade.

O quarto contexto da pesquisa se deu numa avenida onde há um hospital, lá os “flanelinhas” ficam principalmente durante o dia e se revezavam em horários e em dias da semana.

O quinto contexto ocorreu em um conjunto de ruas muito freqüentadas pela classe média e alta nas noites da cidade, devido ao grande número de bares e restaurantes existentes no local. Nessas ruas há sempre “flanelinhas” trabalhando, durante o dia, durante a noite e nas madrugadas.

Dois outros contextos foram também objeto de investigações. Em um deles foram organizadas quatro seções de entrevistas coletivas, envolvendo um grupo selecionado de “flanelinhas” que trabalhavam na avenida da boate. Com esses “flanelinhas” foram realizadas entrevistas em profundidade, cuja duração variou entre duas horas e quatro horas e meia.

Considerando que a mídia, especialmente, a jornalística, tem se manifestado quanto à questão dos “flanelinhas”, julguei oportuno considerar as matérias publicadas, como outro contexto para coletar os dados. Em face disso foram examinadas duas reportagens publicadas em jornais de Juiz de Fora, no período em que realizei a investigação.

A seguir, apresento alguns dados que coletei em cada um desses contextos.

4.1 - O Shopping Center

No contexto do Shopping Center realizei 10 observações participantes, durante as quais pude realizar entrevistas informais de curta duração nos momentos de menor movimento para os “flanelinhas”.

A vinheta a seguir exemplifica o tipo de evidência que pude reunir neste contexto.

Em um dos dias de observação, cheguei à rua do Shopping Center dirigindo meu próprio carro, quando avistei dois jovens com idade de aproximadamente entre dezesseis a vinte anos, dei seta e assim que diminuí a velocidade, imediatamente um deles, vestido com uma bermuda larga na altura dos joelhos e com uma camiseta de malha, sinalizou para mim onde estacionar.

Quando estacionei, esperei que ele viesse até mim para me dizer alguma coisa, porém não foi isso que ocorreu, ele virou às costas e continuou a olhar para longe, como se estivesse esperando outro carro. Parei o carro, o jovem não se preocupou em me dizer nada. Naquele momento parecia haver se estabelecido um contrato silencioso entre mim e o “flanelinha”, no qual já se previa que o estacionamento ocorreria em “lugar”¹⁴ previamente determinado, sob os cuidados dele que ao final da prestação do serviço ele receberia de mim um “troco”. Entretanto, não houve diálogo entre nós, nesse sentido, mas não me contive diante do silêncio daquele rapaz e o saudei:¹⁵

P - Boa Noite!

F - Boa Noite dona. *Deixa aí que tô por aqui*”

P - Fica aqui fazendo o quê?

F - *Tomando conta de carro, ué!?*

P - Você está sempre aqui?

F - *Tô. Por quê?*

P - Sempre tem alguém por aqui?

¹⁴ Lugar e troco estão entre aspas por serem termos frequentemente utilizados pelos próprios “flanelinhas”. A forma de colocar entre aspas termos usados pelos “flanelinhas” será freqüente no texto.

¹⁵ No registro dos diálogos com os “flanelinhas” utilizei o seguinte código: P, indicando minha condição de pesquisadora; F indicando a fala do flanelinha, F1;F2; F3; etc, indicando a interferência de mais de um “flanelinha”. Entre parênteses descrevo gestos ou fatos para esclarecer para o leitor algum evento ocorrido ou mesmo fazer algum comentário em relação àquele momento. Palavras em itálico foram utilizadas para manter a forma de se expressar dos entrevistados.

F - Sempre sou eu. Venho às 11 da manhã e só saio quando *caba* o movimento? Cê é da prefeitura?

P - NÃO! Estou estudando jovens que trabalham nas ruas.

F - *Tá procurando os “moleques”, né? Tão aqui não. O juiz manda “recolhê”*

P - Não estou procurando ninguém, não. Qual seu nome?¹⁶

F - Wellington.

P - Somente você trabalha aqui?

F – Aqui, oh!, (apontando o dedo) em frente ao shopping, só eu. Termina ali. (continuava apontando). De lá até a lanchonete é do José. Porque *tá* perguntando isso? Não é da prefeitura não, *né?* Num vão tirar *nóis* daqui não, *né?*

P - Não sou da prefeitura. Sou estudante da universidade. Estou tentando entender como funciona isso aqui.

F - Entender o quê, dona?

Silenciei. Achei muito difícil explicar-lhe, em curto espaço de tempo todo o meu estudo. Não me bastava dizer que se tratava tão-somente de uma pesquisa que objetivando analisar e compreender o trabalho dos jovens “flanelinhas” nas ruas de Juiz de Fora. Eu visava compreender outras coisas naquele espaço, pois ali me parecia lugar apropriado para se discutir teorias sociológicas, aprofundar discussões sobre cultura, sobre a diversidade de pessoas que procuram Juiz de Fora para estudar e acabam influenciando e sendo influenciadas pela cidade. Eu visava, discutir, ainda, aquele espaço marcado e procurado pelas pessoas em face da existência de cinemas, de pizzarias, de estabelecimentos comerciais de mais diversos segmentos, enfim, um lugar preferido por muitos para marcarem seus encontros e reuniões. Por outro lado, um lugar marcado por tantas desigualdades. Marcado por espaços divididos e por territórios os quais se transformam em multiterritorialidades.

Este espaço era ideal para minha pesquisa, todavia, preferi o silêncio, pois, não conseguia responder àquele jovem, de forma sucinta, o que eu queria entender naquele espaço e continuei o diálogo.

P- Tem alguém mais jovem?

F- Tem sim. Mas *eles esconde*. Tem medo porque a prefeitura recolhe.

P- Recolhe como?

F- Com a polícia.

P- Mas a polícia leva?

¹⁶ Visando preservar a identidade dos sujeitos participantes nesta pesquisa, é que utilizar-me-ei de nomes fictícios.

F- Leva.

P – Em qual carro?

F- No carro da prefeitura.

P- Você já viu isso acontecer aqui?

F- Já vi dona. *Tem* tempo que *num* acontece, *mais* acontece. Pode *ficá* menino pequeno, aqui não. *Mais* eles *fica*, *alá ó* ... (o “flanelinha” esticou o dedo indicador em direção à esquina mostrando a presença de garotos.)

P - Será que eles conversam comigo?

Houve um período de silêncio do Wellington, ele se afastou sem responder a pergunta feita por mim, logo percebi que tal afastamento era uma forma de não se comprometer com os diálogos que eu queria manter, principalmente porque as crianças que ele acabara de mostrar estavam inseridas no mercado informal de trabalho e eram alvo de políticas públicas em Juiz de Fora. E mais, minha presença ali poderia estar lhe preocupando, pois não havia certeza de quem eu realmente era. Além disso o tempo transcorrido na entrevista também não era suficiente para que houvesse confiança por parte do “flanelinha” para acreditar qual era o meu papel ali.

Freqüentei esse local por diversas vezes como usuária dos serviços dos estabelecimentos ali existentes, ora como consumidora da lanchonete ou dos restaurantes da região, ora como freqüentadora do cinema ou como compradora do Shopping Center.

Ao ingressar no Mestrado e em função de minha pesquisa, adotei um olhar investigativo, excepcionalmente nesses dezoito meses em que realizei a pesquisa de base para esta dissertação. Durante esse tempo nunca testemunhei a presença de policiais ou de agentes da prefeitura desenvolvendo ali qualquer ação ostensiva do tipo descrita anteriormente pelo “flanelinha”.

Uma vez que o Wellington havia se afastado, sem me responder se havia possibilidade dos garotos conversarem comigo, decidi chegar até a esquina onde esses mesmos meninos estavam reunidos. Vi que conversavam entre si e a conversa parecia animada, aparentavam doze, treze anos de idade. Logo que me aproximei, surgiram mais dois jovens “flanelinhas” com idades entre dezessete a vinte e um anos. Percebi que se assustaram com a minha presença. Apesar de sempre tomar todas as precauções, inclusive com a forma de me vestir quando

seguia para essas entrevistas e para essa, também, não foi diferente. Usava calça jeans, blusa de malha, sapato baixo, mas penso que, apesar das precauções, errei por ter levado uma caneta e algumas folhas de papel para anotações.

No momento em que entrevistei Wellington, não havia papel em minhas mãos, pensei que para a próxima entrevista, seria necessário até para que eu pudesse ser precisa nas perguntas, além da segurança que o *script* poderia me proporcionar. Diante disso, comprei papel e caneta. Em seguida me dirigi ao local em que estavam os garotos, lá, me precipitei e comecei a fazer anotações na frente deles, o que os levou a ficarem desconfiados. Mesmo assim, Iniciei o diálogo:

P- Oi. Tudo bem? Eu estava conversando com o Wellington e queria conversar um pouco com vocês.

F1 - É da prefeitura?

P- Sou não. Sou estudante e queria conversar um pouco com vocês.

Enquanto procedia o diálogo, soou um assobio e um dos garotos com aparência de mais velho do grupo saiu correndo. Constatei que aquele assobio era de Wellington. Mais tarde, no transcurso da pesquisa, pude compreender que o assobio seria uma forma de comunicação entre eles, da qual se valiam para avisar a chegada de um carro no “pedaço”.

Enquanto eu continuava a conversa com os outros “flanelinhas”, fiquei observando o que o jovem que atendeu ao assobio fazia. Primeiro, escolhia o lugar onde o motorista iria estacionar, depois o ajudava a manobrar o veículo e, antes mesmo, que o motorista descesse do carro, ele o saudava.

Um dos “flanelinhas” que continuava assentado na esquina me perguntou, fazendo-me focalizar de novo no diálogo :

F2 - Estuda o quê?

Como já me ocorrera antes, eu não sabia o que responder. Na verdade fiquei em silêncio observando o movimento do “flanelinha” que manobrava o carro e refletindo sobre o que estudava, se era juventudes, se era espaço, se eram os

jovens em situação de trabalho, se era o conceito de território. Tentava explicar a ele que estudava juventudes e sem desviar o olhar do “flanelinha” que manobrava o carro, pude perceber que, diferentemente, do Wellington ele se dirigia ao motorista e avisava-o que ia “olhar” o carro. De onde eu estava podia ouvi-lo: “ E aí chefia, vai na tranqüilidade que eu garanto.”

Minha observação foi interrompida por um outro “flanelinha”, com quem ainda me esforçava para manter o diálogo e, simultaneamente, observar a movimentação de quem estacionava os veículos.

F3 - Cê estuda mesmo? Que que cê estuda?

P - Eu faço Mestrado, estudo juventudes. (respondi pensando que não devia continuar a deixá-los sem uma resposta)

Imaginei que com essa resposta eles não iriam entender e não iriam mais me perguntar o que eu fazia. Afinal, entrei no campo achando que a investigadora era eu e que nessa condição ninguém faria pergunta para mim, somente responderiam as que eu fizesse.

F3 - Cê é do juiz? (Quando outro “flanelinha” insistiu em perguntar todos riram muito), e eu respondi:

P - Sou não. Estudo jovens. Como todos vocês são jovens, vocês bem que podiam me ajudar.

F3 - Como?

P - Vou fazer umas perguntas, basta vocês me responderem.

F3 - Já teve uma mulher aqui querendo isso, depois queria tirar foto minha. Só deixo tirar foto se me der dez *real*

Dirigi-me ao “flanelinha” que tinha acabado de estacionar o carro:

P - Como você se chama?

F4 - José e você?

P - Millene. Quantos anos você tem?

F4- Vinte e cinco ! Por quê? Sou “de maior” !

P - Não importo com isso, não. Maior ou menor quero só conversar. Como decidiram estes pedaços de rua?

F4 - Eu e o Wellington, dividimos, ué!

P - E se chegar outro aqui?

F4 - A gente não deixa, não! A gente tenta *conversá*, entendeu. Se não *dé*, a gente expulsa *mermo*! Este pedaço aqui *ó*, é meu. Lá é deles. (Apontou para os outros dois que escutavam nossa conversa e saiu para segurar uma vaga e pegar um dinheiro de um carro que estava saindo.)

Observei que o motorista fez o pagamento com algumas moedas. Em nenhum momento ouvi conversa sobre valor do serviço prestado. É tudo muito silencioso, exceto os gritos que os “flanelinhas” dão para indicar a existência de uma vaga.

Dois desses “flanelinhas”, eram auxiliares esporádicos e apareciam quando o movimento aumentava para auxiliar no “pedaço”, demarcado.

A distribuição do espaço demarcado não é aparente para os motoristas que utilizam as ruas para estacionar. Em minhas observações pude perceber o significado que tem para o “flanelinha” a dúvida do motorista. Parar mais à frente ou mais atrás, embora não tenha tanta importância para o motorista, para o “flanelinha”, tem muita importância, pois a concorrência é grande. Embora no caso de Wellington e de José, eles demonstrassem uma relação de cordialidade.

Retornei ao diálogo com os “flanelinhas” auxiliares:

P - Vocês trabalham aqui, também?

F2 - Eu não. Eu engraxo sapato! (essa frase foi dita, com um tom que indicava um desejo de não ser identificado como “flanelinha”).

Neste momento Ricardo se revoltou e, imediatamente, chamou José e em tom de denúncia, disse: “ Olha aqui, ó! Falou que não olha carro, não .“

José, irado interveio: “ Olha, aqui, moleque, na hora que você *chegá* aqui *prá* ajuda eu num vou *querê* não. Você sempre pula fora. Vira *home!* Na hora de *levá* o seu *cê qué né.?!*”

Naquele momento tive medo, pensei em sair de perto deles, pois temia que formasse uma briga em torno de mim ocasionada pela minha pergunta. Mas, resisti, apesar de estar com muita vontade de ir embora.

Perguntei ao Ricardo (o que havia provocado a discussão)

P - Onde é o seu pedaço?

F3 - É aqui mesmo, nós reveza. Eu fico 2ª, 4ª, 6ª

P - Tem dia?

F3 -Tem sim, só o Wellington que é todo dia.

P - Por quê?

F3 -Ele é mais velho.

P- É por idade?

F3 -Os mais *antigo* vão ficando e tomando conta do pedaço
 P - Qual seu nome?
 F3 - Renato
 P - Quantos anos?
 F3 - Vinte
 P- Você estuda?
 F3 -Parei na sétima.
 P - Por quê?
 F3 -Porque sim. Num aprendia nada mesmo.
 P- Mas você aprendeu, vi você contando dinheiro.
 F3-Dinheiro sei contar. *Lê* também!
 P- Então você aprendeu.
 F3-Mas é diferente.
 P- Por quê?
 F3-Porque é diferente, dona. Lá num conta assim. Lá monta conta.
 P - É mais difícil?
 F3 - Ah! É! Montar conta eu num sei, não!

Perguntei, em tom carinhoso ao auxiliar que havia me dito ser engraxate:

P- E você, baixinho?
 F2 - Sou “flanelinha” não, sou engraxate. Fico lá na Halfeld, vai lá *pro cê vê*.
 P- *Tem* mais engraxate lá?
 F2 -*Tem* sim
 P- Você estuda?
 F2 Estudo. Vou *na* escola de manhã.
 P - Gosta de estudar?
 F2- Não. Gosto não. Vou porque sou obrigado.
 P - Quem te obriga?
 F2 -Minha irmã. Minha mãe.
 P - Elas sabem que você vem pra cá para trabalhar?
 F2 -Sabem também.

Durante esse diálogo e todo o período de observação, ele não me disse o nome e nem a idade, a mim, pareceu ter doze anos.¹⁷

Nesse momento chegou um outro jovem e foi logo se apresentando, o que me causou muita estranheza.

F5 - Meu nome é Claudinei, tenho 39 anos e o quê que *tá pegando*?
 P- Boa noite, Claudinei
 F5 - Noite.Você estuda lá em cima?
 P- Lá em cima é onde?
 F5 - Na universidade.

¹⁷ Andei toda a Halfeld em outros dias e em horários diferentes e não vi o garoto engraxando sapato.

- P - Sim, estudo, conhece lá?
 F5 - De passagem.
 P - Quer fazer um trabalho comigo?
 F5 - *Pra tirá* a gente daqui, né?
 P- Não!
 F5 -Volta aí a gente vê.
 P - Onde encontro outros jovens trabalhando?
 F5 - *Cê* não sabe, não?
 P - Eu não moro aqui, venho uma vez por semana só para estudar.
 F5 - Lá tem mais. Mas hoje não é dia bom, vem quinta e sexta que fica lotado de moleque em cima daquelas bolas.

Apontou para a esquina e “as bolas” eram as rotatórias a serem utilizadas pelos motoristas, na via pública para se fazer o balão. Ainda conversávamos quando se aproximou o José. Mudei para ele o foco do diálogo e lhe perguntei:

- P- Você estuda?
 F4 - Não. Estudo não. Já estudei. Agora quero trabalhar. Ter meu dinheiro.
 P - Por que parou de estudar?
 F4- É muito chato, aprender aquelas coisas lá num dá não.
 P - O que faz com o dinheiro do seu trabalho?
 F4 - Gasto tudo! Ajudo minha mãe. Compro as coisas lá pra casa.

Terminada a entrevista daquele dia, peguei o meu carro e o Wellington não apareceu nem mesmo para pegar o dinheiro. Dirigi devagar, fazendo o contorno e encontrei mais um “flanelinha”. Parei meu carro, desci o vidro e perguntei:

- Qual seu nome?
- Ronaldo. Volta Sexta-feira. (respondeu-me bruscamente)

Ele parecia já ter sido avisado de minha presença ali. Virou de costas e me ignorou.

Como já mencionara, pude perceber que naquele espaço, ou seja, nas proximidades do Shopping Center, há uma nítida demarcação de território. O que os jovens chamam de “pedaço” nada mais é do que demarcação de território.

Pude observar, ainda, o comportamento dos freqüentadores dos comércios locais. Em entrevistas curtas conversei com pessoas que moram naquela localidade ou que freqüentam os estabelecimentos comerciais, fazendo compras ou freqüentando restaurantes e/ou os estabelecimentos financeiros, além dos

cinemas. Percebi que essas pessoas se sentem incomodadas com presença dos “flanelinhas” nas janelas de seus veículos, propondo-se a tomarem em conta de seus veículos. Diante da indignação de algumas delas, resolvi entrevistá-las para compreender qual é a impressão que têm desses jovens. Constatei que essas pessoas não se sentem seguras com o serviço que os “flanelinhas” prestam. Acham que eles se apropriam indevidamente da rua que é pública. Outras pessoas os têm como oportunistas, “eles acharam uma forma de pedir dinheiro, sem fazer nada.”, me disse uma professora que sempre vai ao banco. Outra senhora me disse que a cada dia eles aumentam o requinte da abordagem. Segundo ela, os “flanelinhas” têm se manifestado com palavras dóceis, fazendo elogios ao traje da pessoa e, também a forma com que dirige. Para ela, essa abordagem tem por objetivo sensibilizar o(a) motorista e conseguir mais dinheiro.

Ao contrário do que essas pessoas me disseram, encontrei jovens incluídos (precaricamente) em um espaço social, que não lhes seria possível freqüentar e só estão ali por terem conseguido uma “brecha” para trabalhar. Todavia, as pessoas de classes mais favorecidas sentem-se pressionadas ao terem que dividir esses espaço com eles.

Não há para esses jovens trabalhadores a “moratória da juventude” de que tratei na parte conceitual desta Dissertação. Ao contrário, a maioria deles abandonou o estudo para trabalhar ou tentam associar o estudo ao trabalho.

Além de observar a região próxima ao Shopping Center, durante o dia e parte da noite, fiz, também, observações e entrevistas em uma avenida na qual há uma boate. Assim como procedi na seção anterior vou apresentar *flashes* descritivos, observando e entrevistando os “flanelinhas” na avenida da boate.

4. 2 - A boate

No contexto da boate realizei dez observações participantes e entrevistas não estruturadas nos momentos em que as pessoas já haviam estacionado seus veículos. Aproveitei o tempo em que os “flanelinhas” estavam vigiando os veículos e me aproximei deles para uma entrevista. Relato a seguir, evidências que reuni nesse contexto.

Era uma noite chuvosa. Imaginei que não ia encontrar ninguém por ali. Todavia, foi uma noite ideal para entrevistar os “flanelinhas”. A chuva forte, fez com que as pessoas se atrasassem para chegar.

Cheguei de táxi, abri a porta do carro e saltei. Na verdade, não tenho medo de andar durante a noite nem de estar sozinha, mas recebi tantas recomendações para tomar cuidado, que estava um pouco insegura, talvez pelo horário, pois se passava da meia noite, talvez pela chuva, ou pela escuridão de parte da avenida. Avistei de longe, jovens reunidos em baixo de um abrigo de ônibus. Ao longe, não tinha certeza se eram freqüentadores da boate ou se eram “flanelinhas”. Somente ao me aproximar, percebi que não eram apenas jovens que iriam à boate, devido ao tipo de roupa que três deles usavam. Camisas de malha, calça jeans ou bermuda, gorro de lã; ou seja, um perfil comum aos “flanelinhas” de Juiz de Fora. Os outros dois usavam calças e sapatos da moda, camisa de manga comprida e levavam gravatas nos bolsos.

Cheguei a passos largos, molhada da chuva e suando de nervoso. O frio que se anunciou durante todo o dia se transformou em intenso calor, talvez pelo nervosismo daquele momento. Entrei debaixo do abrigo de ônibus. Ele abrigava toda a minha esperança de conseguir prosseguir com a pesquisa. Os cinco jovens, gentilmente, abriram espaço para mim, conversavam entre si. Pude entender que dois tinham ingresso para entrar na boate, mas queriam vendê-los. Os supostos “flanelinhas” negociavam para comprar a preço mais baixo. Argumentavam que havia pouco movimento e a compra dos ingressos seria um grande risco. Todos os cinco falavam ao mesmo tempo, discutindo a compra e a

venda dos ingressos. Paralelo a isso, três deles brigavam por alguma coisa que um deles tinha e não queria dividir. Achei que era droga.

A conversa transcorreu em três segmentos de diálogos que se sobrepunham. Os vendedores de ingressos tanto se dirigiam a mim, quanto aos “flanelinhas”:

- A senhora não quer comprar um ingresso?
- P - O movimento tá fraco, respondi, não sei se vou entrar.
- Vai melhorar.
- P - Não sei, tá chovendo muito!
- Lá dentro não chove, não.
- P - Vou dar um tempo aqui. Vocês desistiram de entrar?
- Vamos para formatura de Medicina.
- AH!!!!
- Compra aí.
- P- Agora não. Vou dar um tempo aqui. Estou esperando uma amiga.

Arranjei essa desculpa de estar esperando por alguém para continuar com o grupo, tentando uma oportunidade de observar aqueles outros jovens, dos quais, agora, estava certa de serem “flanelinhas”.

Eles venderam os dois ingressos para os “flanelinhas” por dez reais cada, sendo que o Ingresso na portaria custaria quinze reais cada um.

Entrementes, a briga pela coisa a ser dividida continuava. Os dois rapazes

- P- Você compra chocolate com o dinheiro que ganha aqui?
 F6 - É. Sempre compro alguma coisa prá ela ou levo prá comer pizza.
 P - Que legal. Sempre usa seu dinheiro assim?
 F6 - Sempre. O dinheiro que ganho aqui compro estas coisas, tênis, bermuda.
 P - Você ajuda em casa?
 F6 - Preciso não. Meu dinheiro é meu dinheiro.
 P - Você estuda?
 F6 - Estudo, sim.
 P- Qual série?
 F6 - *Tô* na oitava.
 P - Gosta de estudar?
 F6 -Até que gosto.

Lembrei-me a essa altura de minhas leituras e de como o pesquisador precisa aguardar o momento mais adequado de se anunciar como tal aos sujeitos. Senti que os episódios da chuva, da venda dos ingressos e da partilha do chocolate, me aproximaram, definitivamente, daqueles jovens trabalhadores.¹⁸

O rapaz se afastou e olhou para dentro do carrinho de cachorro quente. Entendi que a barra de chocolate estava guardada lá dentro. Um outro “flanelinha” se dirige a mim, e com cara fechada reclama:

- F7 - Dona, a senhora não podia ter feito isso não!
 P- O quê?
 F7- A senhora não podia não. Não podia ter ficado do lado do moleque. Ele é o maior chapeiro, come tudo da gente. A gente compra um cachorro ele come a metade, bebe nosso café, *refri* e é incapaz de *comprá* alguma coisa e *trazê* prá gente. Faz isso não.
 P- Tudo bem. Eu não sabia . . . mas você tem namorada?
 F7 - Tenho.
 P- Leva alguma coisa aberta prá ela?
 F7 - Não!
 P- Então...?
 F7 - Ele ganha dinheiro hoje e compra outro amanhã.

O rapaz voltou. A briga do chocolate me pareceu acabada, mas o rapaz continuava com cara feia para mim. Falei em voz alta: “Acho que vou embora, minha amiga não vem não. Tá chovendo muito.” Imediatamente um dos “flanelinhas” me disse “Vai não, fica aí! Daqui a pouco passa.”

Esta frase foi dita num tom que me fez sentir aceita pelo grupo como interlocutora. Por isso me animei a prosseguir no meu papel de pesquisadora.

¹⁸ Refiro-me aqui ao capítulo “Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa”. *In: A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, LTC, 1989.p. 185-213.

Enquanto isso pensava na possibilidade de buscar chocolates e distribuir entre eles.

Saliento, que os diálogos que aqui apresento, foram feitos em pequenos intervalos, quando não havia carros para “os flanelinhas” estacionarem.

F7 - A senhora já entrou , lá?

P- Já. E você?

F7 - Que isso dona, os segurança num deixa não.

P - Não?

F7 - Não, eles sabe que a gente é tomador de conta de carro.

P - Vocês estão sempre aqui?

F7 -Sempre. Quinta, sexta e sábado.

P - Só vocês?

F7 - Neste pedaço aqui é. Com o dedo apontou: “ Aqui é meu. Depois lá é dele e do lado de lá é dele e de outro que não veio hoje e a senhora faz o quê?”

P- Eu estudo.

F7- Aqui na Universidade?

P - É!

F7- Faz o quê?

P - Mestrado.

F7- *Porra!*?

P - O quê?

F7 Mestrado ? Em quê?

P - Educação.

Estranhei o modo como foi formulada a pergunta pelo “flanelinha”: “Mestrado em quê?”, pois essa pergunta só poderia ser feita por quem já soubesse que mestrado pede uma especificação. O esclarecimento veio depois, com a continuidade do diálogo.

F7 - Minha irmã tá no 2º período de Pedagogia, e a senhora estuda o quê?

P- Juventudes.

F7 - AH! É por isso que parou na nossa, *né?* Arruma um livro para eu arrumar a minha cabeça.

P- Livro?

F7- É já pedi a minha irmã e ela não sabe. Fala aí quero um livro prá eu refletir minha vida, mas não quero auto-ajuda, não. Aquilo é só no papel.

P- Que que há com a sua cabeça?

F7 - Tô confuso. Um monte de coisas.

P- O que que você gosta de ler?

F7 - Gosto de ler tudo.

P- Vou pensar. Você estuda?

F7 - Estudo no colégio da universidade – CTU.

P- Legal. Gosta?

F7 - Gosto muito de estudar.

P- Qual horário?

F7 -De manhã.

P - Mas como você agüenta?

F7 - Saio daqui 6 da manhã. Vou em casa tomo banho. Guardo a grana e vou para escola. Volto durmo à tarde, venho prá cá de novo e viro o Sábado porque vou pro Hipermercado. Só durmo depois de tarde.

Qual seu nome?

P - Millene e o seu?

F7 - Denis. Você tá me perguntando estas coisas é *prá* sua pesquisa, não é?

P - Sim. Qtos anos você tem?

F 7- 21.

Neste momento o dono do chocolate, se aproximou. Impressionei-me com a intervenção dele: “Tive uma professora de língua portuguesa que disse que o difícil não era o teste da sobrevivência, mas a sobrevivência.”

Pedro parecia profetizar. Falava em tom filosófico, demonstrava preocupação com o Dênis. Isso foi dito para mim e para o João, um “flanelinha”, muito tímido que foi o último a se comunicar comigo. Ele ficou o tempo todo escutando o diálogo que eu mantinha com os outros e vez ou outra tapava o frio com o capuz do agasalho. Retomei o diálogo, com o dono do chocolate:

Como se chama? Perguntei ao dono do chocolate

F6 - Rafael.

P - Estuda?

F6 - Estudo. Você já teve vida difícil?

P - Não. Mas posso entender as dificuldades dela.

F6 - É a gente acaba aprendendo com o vizinho, com o amigo. Você vai arrumar livro pro Vinícius? Traz prá mim também!

P - De que você gosta?

F6- História do Egito, Grécia estas coisas.

Me impressionou o nível de leitura de que o “flanelinha” gostava. Logo respondi: “Vou trazer sim.”

F6 – Amanhã?

P- Olha eu não moro aqui. Venho toda semana. Mas como vocês estão aqui só na Quinta, acho que vai ser daqui a uma semana.

F6 - Beleza.

P - E você? Me dirigi ao João.

F8 -Estudo não. Nem trabalho.

-“Como não?” (Retrucou Denis em tom áspero)

Nesse momento, Pedro assobia para um casal que estaciona o carro em frente ao local em que conversávamos. Ouvi quando ele se dirigiu ao motorista:

- “Vou olhá, viu chefia. . .”

O motorista fez um sinal de *ok* e entrou para a boate. O diálogo entre os dois “flanelinhas” e eu continuava: “Isso aqui não é trabalho não? Você é que é vacilão. Marca e não vem. Não tem compromisso.”

Resolvi intervir no diálogo e me dirigi ao tímido novamente:

P - Qual seu nome?

F8- João

P - Você ajuda em casa? Ele apenas balançou a cabeça afirmativamente.

Esse jovem depois de alguns encontros e de entrevistas que realizei com eles na biblioteca da U.F.J.F, deu várias contribuições importantes para esta pesquisa. Demonstrou ter muita responsabilidade com a família, trabalha durante o dia na construção civil e pensa em retomar os estudos.

Nesse instante, o movimento de carros estacionados diminuiu e os “flanelinhas” pareciam estar mais relaxados . Dênis foi até o carrinho de cachorro quente e veio com um copo que me pareceu ser de café. Achei que iam me oferecer. Não ofereceram. Pude perceber que junto com o café tinha outra bebida, imaginei que fosse alguma bebida alcoólica. O copo passava de mão em mão de maneira discreta. Enquanto tomavam daquela bebida continuamos a conversar.

P - Se aparecer alguém aqui e começar a tomar conta de carro?

F6- Nós num deixa, não.

P - Como não deixa?

F7 - A gente expulsa.

P - Como?

F8 -*Vamo lá, conversamo*, damos dura, né? O cara tem que sair.

P - Quem conversa

F7 - A gente dá cobertura um pro outro.

P -Se eu vier de carro qual o melhor lugar para meu carro ficar?

F8 -Deixa aqui com *nóis* todo lugar é bom, *nóis* olha para a senhora.

F6- Sua amiga não vem? Vem de carro? Cerca ela aí, ó, deixa aqui perto do carrinho de cachorro.

P - Ela num vem mais não eu é quem vou embora.

F7-Vai não, fica aqui.

Percebi que eles gostaram da conversação e eu também. Foi muito diferente da entrevista que fiz com os jovens das imediações do Shopping Center. Os “flanelinhas” da avenida da boate, foram muito mais receptivos à pesquisa. Percebi que a maioria deles freqüentavam escolas da região em que

trabalhavam. Também pude observar que tinham uma relação muito próxima de amizade, de vizinhança e de parentesco com os demais “flanelinhas”.

P - Vocês gostam do trabalho de vocês aqui?

Todos balançaram a cabeça positivamente.

P - Posso voltar aqui? Vocês vão poder me ajudar muito.

F7- Volta aí. Ajudar como?

P - Preciso fazer pesquisa para um trabalho meu.

F7 -Na universidade?

P - É, vocês, topam?

F6 Claro. Lá dentro é bonito igual lá fora?

P - Você não conhecer lá?

F6 -Não.

P - Quer conhecer?

F6 - Nossa!

P - Vou levar vocês lá, qualquer dia.

- Olha, me disse o Dênis, “a tarde sempre podemos te ajudar.”

P- E você? Perguntei ao João que pela primeira vez me abriu um sorriso lindo de dentes branquíssimos e balançou a cabeça positivamente.

A chuva passou, os carros começavam novamente a chegar, o movimento parecia que ia aumentar. Percebi que os “flanelinhas” precisavam se afastar e cada um ir para seu pedaço. Achei que iria agradá-los comprando chocolates. Chamei o taxista e pedi que descesse comigo para comprá-los. Ao retornar constatei que estavam todos espalhados pela avenida. Identifiquei o Dênis, entreguei e pedi a ele que distribuísse aos demais. No decorrer dos estudos, aprendi que não foi adequada à minha condição de pesquisadora esta generosidade. O papel de pesquisadora, poderia ser confundido com um papel assistencialista. Felizmente isso não ocorreu, entretanto não mais fiz este tipo de “agrado”.

Nessa mesma madrugada, durante o período de observação, não ouvi nenhum palavrão, nenhuma falta de respeito entre eles ou deles para com as outras pessoas que circulavam por ali. Em nenhum momento eles demonstraram constituir-se em ameaça para os carros ou para os donos dos carros. A impressão que tive foi de um comportamento diferente daquele que algumas pessoas dizem deles. Quando discutiram por causa do chocolate cada um defendia sua posição, sem ofensas. Quando chamaram atenção do “flanelinha” que não teve compromisso, foi em tom de alerta, de um amigo a outro amigo.

Outra observação que pude fazer é que eles têm muito medo dos seguranças da boate. Observei, também, que no mesmo espaço em que outros jovens se divertem eles utilizam-no como espaço de trabalho. Além da demarcação de territórios, ocorre multiterritorialidades e territórios sobrepostos, conforme tratei na estrutura teórica desta dissertação.

Os jovens das imediações da boate em relação àqueles das imediações do Shopping Centers são mais unidos, têm espírito de cooperação, estudam, trabalham em outros lugares, se preocupam com o bem estar um do outro. Possuem um grande senso de solidariedade entre eles e utilizam princípios éticos bem definidos. Chamou-me a atenção o fato de que em alguns momentos eles conversam utilizando uma linguagem correta em, outras falavam de qualquer jeito, descuidadamente, utilizando um modo arrastado, descomprometido com as regras da linguagem.

Em outra oportunidade que fiz observação participante na avenida da boate, a noite estava linda, inúmeras pessoas elegantemente vestidas se encaminhavam para a boate.

Cheguei até o carrinho de cachorro quente, cujo dono já era para mim familiarizado e percebi novos “flanelinhas” na avenida.

“Este aqui é o James e este é o Ari. São dois “flanelinhas” amigos nosso trabalham lá em cima” (Apontando para o início da avenida). Quem me apresentou os dois jovens foi o Dênis, que em seguida completou:

”A Millene tá sempre aqui, ela é da universidade, está estudando jovens.”

P - E vocês, fazem o quê? (Perguntei aos dois)

F9 - A gente tá aqui na vida.

P - Fazendo o quê na vida?

F9 - Ué? A gente fica aí!

P - Trabalham sempre aqui?

F9 - Sempre não, de vez enquanto, quando a gente precisa de grana.

P – Então não é sempre que precisam de grana?

F9 - A gente faz uns bico

F10-Depois de vez enquanto vem cá.

P - Você estuda?

F9 - Eu estudava, agora parei. Vou fazer Supletivo.

F7 - Tem que estudar cara, interveio o Dênis

- F9- Vou voltar se não num consegue nada não.
 P - Por quê?
 F9 - Quem estuda consegue mais, né?
 P - Por quê?
 F9 - Ah! Porque *eles paga* mais para quem estuda.
 P - E você Dênis?
 F7 - Eu *tô* terminando o segundo grau.
 P - Vai fazer vestibular?
 F7- Queria
 P - Quer fazer o quê?
 F7 - Tenho vontade fazer Administração.
 P - Então, faz. Aproveita o PROUNI. Você estuda em escola pública?
 F7 - Sei lá, eu *tô* inscrito, mas acho que não vai dar.

O movimento de carros nesse dia era muito grande, percebi que haviam poucos “flanelinhas” para dar conta dos “pedaços”. Decidi deixá-los trabalhar mais à vontade, ficavam preocupados em me dar atenção, conversar comigo, por isso resolvi sair, pois sabia que dependendo da hora poderia atrapalhar o serviço deles.

Nessa noite, fiquei refletindo como é contraditória a relação desses jovens com o trabalho e a escola: de um lado vêm na escola a possibilidade de ascensão no mercado de trabalho e de outro demonstram resistência em permanecer nela. Fico questionando se é a necessidade de trabalhar que impede esses jovens de continuar os estudos ou se é a escola que não tem instrumentos eficazes para mantê-los. Esse questionamento se manteve por todo o tempo da pesquisa.

Acho importante destacar que meu papel de investigadora ao longo da pesquisa se tornou cada vez mais respeitado. Eles não tinham mais dúvidas quanto a minha não vinculação a órgãos públicos.

Voltei a esse contexto de pesquisa, várias vezes, para os trabalhos de campo. Numa determinada madrugada, assim que cheguei, ouvi a voz de um “flanelinha” dizendo: “É o carro da mulher da pesquisa.” Isso dito num tom informativo aos demais, me fez perceber a incorporação de minha pesquisa no cotidiano deles, Além disso, percebi por diversas vezes que quando os motoristas param o carro, sempre um “flanelinha” se aproxima, mas quando é o meu carro, eles logo se juntam, espontaneamente, e reunidos, esperam que eu me aproxime deles.

- F8 - A senhora sumiu.
 P - Vocês é que sumiram. (Risos)
 F8 -Cada um foi para um lado
 P - E por que se juntaram de novo?
 F8- Aqui é nosso ponto, né? O Dênis chega daqui a pouco
 P - Cadê um menino, loiro, pequeno, o menor de vocês que estava aqui algumas semanas atrás, que gosta de história do Egito .
 F9- Ele agora vende CDs na Halfeld. Toma pega¹⁹ dos cara . (Risos.)
 P- Como assim? (perguntei)
 F8- Os cara da prefeitura não dá sossego *pros malandro trabalhá*. É melhó trabalhá que roubá.
 P - Eles dão pega por quê?
 F8 -Num sabe não? Num pode *vendê* CD na rua não.
 P – Por quê?
 F8 -Porque num pode. *Os cara* da loja chama *as polícia* da prefeitura.
 P - E o que acontece quando pega?
 F8- Dá *porrada* nos moleque. E toma os CDs deles.

Em outra ocasião, estendi minha observação ao centro da cidade procurando compreender, melhor, como se dá a venda de CDs. Apesar dessa atividade não ser o foco da pesquisa, julguei importante a observação, para adquirir melhor compreensão daquilo de que falavam os “flanelinhas”. Conclui que deve haver adultos usando menores de idade para vender o CDs piratas pelo centro da cidade de Juiz de Fora, pois, primeiro, é necessário capital para aquisição dos mesmos, e segundo, a polícia não pode prender menores de idade, somente tomar deles o material pirateado.

Outra motivação me levou a ir ao centro da cidade, pois, me senti compelida a entregar o material sobre a história do Egito e da Grécia ao jovem que trabalhava na avenida da boate. Também gostaria de continuar contando com ele, como sujeito da pesquisa. Todavia, não consegui encontrá-lo, apesar de ter feito algumas observações pelo centro da cidade. No decorrer da pesquisa ele se afastou do grupo e não pude tê-lo como sujeito. Infelizmente, ainda não consegui lhe entregar o material.

O tempo de observação participante já havia se estendido pela madrugada, quando ouvi a vibração de dois “flanelinhas”, me chamando a atenção:

“ Olha lá quem vem.”

¹⁹ Pega, na linguagem dos “flanelinhas” significa ser abordado de forma incisiva pela polícia durante atividades consideradas ilegais.

Quando me virei para ver de que se tratava, era o Dênis chegando. Até eu fiquei alegre e mais segura. Esse jovem me passa muita segurança. Ele chegava com um sorriso aberto, mãos estendidas cumprimentando a todos, e ao segurar a minha mão, olhou dentro dos meus olhos e me disse: “Tô matriculado!” Legal! (respondi imaginando que era no cursinho, ou aula de computação). O que você está fazendo? Perguntei.

“Administração de Empresas. Consegui entrar na faculdade com cem por cento de bolsa.”

O olho dele se encheu de lágrimas e o meu também. Todos os outros se afastaram, começaram a olhar carros. Segurei o choro e ele continuou: “Nunca vi minha mãe tão feliz. Minha mãe me deu um abraço que eu nunca havia ganhado daquele.”

Naquele momento veio uma vontade grande de lhe dar um abraço. Não tive coragem. Apenas passei a mão em seu ombro, procurando expressar minha alegria pela sua conquista.

P- Você veio trabalhar?

Ele não me respondeu com palavras. Fez uma cara que ia, mas que não estava muito a fim daquilo.

P - O que há? Perguntei.

F7 - Tô ficando muito cansado, mas preciso da grana para pagar o transporte.

P - Está dando para levar?

F7-Tiro uns trinta, às vezes trinta e cinco e gasto uns vinte e cinco de passagem.

Mas não é só isso, tem material, pago lanche porque tenho fome.

Tive vontade de perguntar a ele como é que está sendo conviver com os colegas de faculdade. Mas achei que era cedo para essa pergunta.

O movimento aumentou, percebi que os outros “flanelinhas” sozinhos não iriam dar conta, por isso lhe disse:

P - Fica a vontade Denis, vai lá.

F7 - Vou sim, tô logo ali, se precisar me chama. Ou vai entrar?

P- Vou entrar não. Vou no carrinho de Cachorro Quente.

O Dênis saiu abraçado com mais um jovem que estava por ali e começou a trabalhar. Eu fui para o Carrinho de Cachorro quente. Assentei-me e o dono do carrinho, me disse: “Olha lá. A concorrência.”

Quando olhei do outro lado havia uma caminhonete vendendo cerveja.

P - A vida é assim mesmo, todo mundo tenta sobreviver do jeito que pode. Vende a

sua. As pessoas estão acostumadas com você aqui.

C - A senhora quer ingresso hoje? Tem um cara ali no Gol vendendo ingresso.

P - Quero não. Você vende ingresso?

C - Às vezes eles deixam comigo, às vezes eles deixam com os moleques.

P - Porque vocês chamam eles de moleque?

C - Eles se chamam assim, repara pra senhora vê.

De repente aparece um “flanelinha”: “Cadê o cara do ingresso? Tem uns

P - Não dá. Vai lá. A calçada é tanto dele quanto sua.
F9- Olha só, A calçada é da boate!
P - Não é!
F9 -Vou não.

Os jovens de Belo Horizonte se aproximaram, compraram os ingressos e entraram. Não vi quanto os “flanelinhas” ganharam na transação. Do carrinho de cachorro quente vi aproximar-se um taxista aos xingos. “Olha a quantidade de táxi!”. Aqui é pra ter três eles vão enfiando!”.

O dono do carrinho de cachorro quente disse: “ Olha do outro lado, outra parada vendendo cerveja. É assim.”

Pude compreender com esta série de observações que não são só os “flanelinhas” territorializam o espaço da avenida da boate para trabalhar. O comerciante, dono do carrinho de cachorro quente, os motoristas de táxis, também o fazem. O espaço, realmente é dividido, numa intensa concorrência. Todos querem ter a sua participação garantida.

Levantei de onde observava a movimentação da avenida e me dirigi aos “flanelinhas” que estavam encostados no poste. Nessa altura o movimento de chegada de carros havia parado e eles conversavam entre si. Me Aproximei e disse:

P - Vou descer. Mas preciso conversar com vocês. Já combinamos isso, mas ainda não deu para marcar.
F7- Liga prá mim durante a semana que eu marco com os “moleques”
P - Onde podemos conversar?
F7- Na biblioteca da UFJF, como já havíamos combinado.
P - Beleza. Boa Noite.

Este diálogo deu início à organização de uma série de encontros nos quais realizei entrevistas coletivas com este grupo de “flanelinhas”, que relatarei mais adiante. Por agora, passo a apresentar os dados coletados no contexto da padaria.

4.3 - A Padaria

No contexto da padaria realizei dez observações participantes, durante as quais pude realizar entrevistas informais de pequena duração. O espaço dessa rua para estacionamento de veículos é pequeno, mas o tempo de parada dos usuários também. A maioria dos motoristas desce, rapidamente, para comprar pães ou fazer lanches. Apresento evidências típicas do que foi obtido nesse contexto na vinheta abaixo:

Após observar algumas vezes de dentro da padaria, e apenas como cliente, a movimentação dos veículos naquela rua, decidi incluí-la na pesquisa. Nessas ocasiões, já havia percebido, a presença freqüente de um “flanelinha”. Pude, também, observar a relação de cordialidade que ele mantinha com os motoristas e com os moradores da rua. O relato a seguir diz respeito ao período, a partir do qual comecei o trabalho investigativo. No primeiro dia de observação na padaria, cheguei dirigindo o meu carro e ao descer do veículo, logo se aproximou um “flanelinha” e Iniciei o diálogo.

P - Bom dia! Aqui onde me apontou parece uma garagem.

F11 - Num é não, sai nada daí não.

P - Tem certeza?

F11 - Tenho sim senhora.

P - Como sabe que nunca sai carro daí?

F11- Tomo conta dessa rua. Sai nada não, fica tranqüila.

P - Vou entrar na padaria, qualquer coisa você me chama lá!

F11- Num posso entrar lá não, mando chamar, se precisar.

P- Por que não pode entrar ?

Ele nada me respondeu e em silêncio, apontou para si próprio! Ele me transmitiu a sensação de ter uma auto-estima baixa. Minha vontade foi a segurá-lo pelo braço e levá-lo para lanchar comigo! Mas me contive em apenas balançar a cabeça, negativamente, mostrando que não concordava com aquilo. Saí em silêncio e entrei na padaria.

Em virtude do que havia ocorrido, perdi a fome. Pelo vidro era possível para mim ver aquele jovem manobrando veículos. Paguei a conta e resolvi conversar mais um pouco com ele.

- P - Como você se chama?
 F 11 - Monstrinho.
 P - Monstrinho? Isto não é nome. Qual o seu nome?
 F 11 - Nicolau. Mas ninguém me conhece assim.
 P - Mas eu vou lhe chamar sempre assim. Você se importa com o seu apelido?
 F 11 -Ligo não, sou feio mesmo!
 P- Você sabia que apelido é uma forma carinhosa de chamar as pessoas?
 F11 – Sabia, não. (deu um sorriso constrangido)
 P - Mas, é.

O meu diálogo com o Nicolau foi interrompido porque houve movimentação de carros. De onde estava, na rua da padaria, percebi a presença de um grupo de policiais. Percebi que eles nos observavam todo o tempo. Me dirigi a um deles e perguntei se havia algum problema por ali, fui informada de que estavam apenas dando cobertura para fiscais do Estado. Voltei a conversar com o “Flanelinha”:

- P - Posso gravar esta conversa?
 F 11 - Tá doida dona! Pra quê? Sem essa.
 P - Estudo jovens, queria conversar mais com você.
 F 11 - Comigo? Pra quê?

Ele olhava para os policiais e olhava para mim muito desconfiado. Quando percebi disse a ele:

- P - Perguntei aos policiais o que eles estão fazendo aqui e me disseram que estão com fiscais.
 F 11 -A senhora conhece eles?
 P - Não. Não moro aqui, não. Venho aqui só estudar. Você trabalha aqui desde quando?
 F 11-Desde os oito anos,.
 P - Hoje tem quantos?
 F 11- Vinte e quatro
 P - Já trabalhou em outros lugares?
 F 11 - Não. Sempre aqui. Sou doente.
 P - De quê?
 F 11- Tenho problema de cabeça.
 P - De cabeça? O que sente?
 F 11 - Dou umas coisa, começo a enrolar, caio, esqueço as coisas.

As últimas palavras ele já falou bem longe de mim. Percebi que não queria mais manter aquele diálogo. Entrei no carro e o chamei pelo nome:

"Nicolau!" (Ele sorriu). Fiz um sinal com a mão para ele chegar mais perto, precisava pagá-lo.

- P - Quanto é o seu serviço?
 F 11 - O que a senhora puder
 P - Quanto as pessoas te dão?
 F11 - O troco do pão?
 P - Não é pouco?
 F 11 - É pouco, mas é todo dia!

Tendo em vista a empatia que ocorreu com esse "flanelinha" voltei até lá em outras oportunidades, para reencontrá-lo. Nesse dia, ao chegar avistei uma vaga logo na porta da padaria. Quando dei seta o "flanelinha", logo tratou de me ajudar, indicando:

- F 12 - Põe aqui, madame.
 P - Bom dia.
 F12 - Bom dia. Posso olhar?
 P - Pode. Cadê o Nicolau?
 F12 - O Nicolau tá muito passando mal.
 P - O que que ele tem?
 F12- Desmaia, entorta todo fica muito esquisito. Problema de cabeça.
 P - Você vem quando ele não pode?
 F12 - Eu trabalho ali atrás (apontou o dedo para a rua de trás).
 P - Qual o seu nome?
 F12 - Vasco e o seu?
 P - Millene. Trabalha lá fazendo o quê?
 F12 - Tomando conta de carro também
 P - Faz muito tempo?
 F12 - Faz. Não acho coisa melhor.
 P- Por que veio pra "cá" e saiu de "lá", hoje?
 F12 - Hoje é sábado e o movimento aqui é melhor, esta hora é melhor.
 P - Mas aqui não é pedaço do Nicolau?
 F12 - É. Mas o Nicolau não veio.
 P- E por que é seu?
 F12 Por que eu cheguei, o Nicolau não chegou.
 P - E se vier outra pessoa?
 F12 - Aí não. Eu cheguei primeiro.
 P - E no seu pedaço? Tá vazio?
 F12 Não; tem um cara lá tomando conta pra mim.
 P - Como assim?
 F12- Eu deixei um lá.
 P - O dinheiro que ele ganhar lá é dele?
 F12 - Não a gente divide.
 P - Então você vai dividir o daqui com o Nicolau?

Ele em um gesto escondeu a cabeça entre os braços, ficou rindo e um pouco sem graça deixou transparecer que não.

Entrei na padaria e quando saí, entreguei um “trocado” ao “flanelinha”.

Em seguida perguntei :

P - Se eu for na rua de trás para conversar com você tem jeito?

F12 – Gostou de conversar comigo, heim?! Vai lá dona, ou *tô* lá ou *tô* cá, a gente troca umas parada aí, valeu.

Passei pela rua onde ele me disse que trabalhava e o vi tomando conta de carros. Mas não mais o vi na rua da padaria. Também não encontrei o Nicolau. Insisti outras vezes em observar aquele contexto, pois, queria entender como ficaria aquele “pedaço” depois que o Nicolau havia sumido dali.

Fui até lá e encontrei nesse dia de observação, um outro jovem, também educado que sinalizou para que eu parasse e me ajudou a manobrar o carro.

Quando descii o rapaz me perguntou:

F 13 - Posso dar uma olhadinha?

P – Claro! Cadê o Nicolau ?

F13 - O Nicolau não pôde vir não !

P - O que que aconteceu?

F13 - Problema dele!

P- Posso saber qual?

F13 - Ele passa mal, fica mal e aí num pode *trabalhá*.

P - Você fica no lugar dele?

F13 - É, fico.

P - Você só vem quando ele não vem?

F13- Eu num gosto muito não. Trabalho mais fazendo lavagem de estofado de carro.

P - Se não gosta por que fica?

F13 -O movimento de lavação tá ruim, aí o amigo deixou eu ficar aqui.

P- Foi o Nicolau que deixou?

F13 -Foi não.

P - Mas o pedaço não é dele?

F13 - Esquenta não, dona. Deixa aí que eu olho o carro da senhora. (Respondeu-me num claro sinal de que não estava gostando do rumo daquele diálogo).

Deixei o carro e fui lanchar na padaria. Quando voltei para ir embora, retomei o diálogo:

P - Tinha um outro rapaz aqui, outro dia, que trabalha na rua de trás, cadê ele?

F13 - Este horário é meu.

P - Mas este horário não era seu. Nunca vi você por aqui.

F13- Mas *tô* ficando um tempo aqui.

P - Você entrega o dinheiro para ele?

F13- Parte. É para segurar o lugar.

P - Por quê?

F13 - Porque se não neguinho pega.

P - E daí?

F13 - Daí assim, que se *perde*, num pega não.

P- Entendo.

F13- A senhora num é da prefeitura não, né?

P - Sou não. Sou pesquisadora.

F13 - Pesquisadora?

P- É.

F13 - Chic, em dona?!

P- Por quê? (Risos)

F13- Muito chic a senhora, vou *contá* lá em casa que conversei com uma pesquisadora, eles num vão nem acreditar. (Risos).

Saí dali e nunca mais encontrei esse jovem em nenhum ponto atuando como “flanelinha”.

4. 4 - O Hospital

No contexto do hospital realizei cinco observações participantes e aproveitei para realizar entrevistas com os “flanelinhas” que trabalhavam naquela avenida tomando conta de carros. Selecionei algumas situações mais relevantes que passo a relatar nesta seção.

Depois de perceber a presença de jovens na porta do hospital, trabalhando como “flanelinhas”, decidi ir até lá para entrevistá-los. Fiquei resistente em ir até esse lugar porque às vezes passava por ali e notava certa algazarra. A Conversa era alta parecia sempre que tinha uma briga. Não sei, mas sempre tive a impressão de muita confusão no local.

Não sendo moradora de Juiz de Fora e conhecendo esse local apenas nos

P - Pode. Vou até a farmácia.

A farmácia fica em uma rua transversal à avenida. Me dirigi até a farmácia, e percebi uma loja de jornais e revistas. Comprei uma revista, olhei outras, dei um tempo por ali e me dirigi até o carro. Percebi que outros carros chegavam e iam estacionando sempre onde o “flanelinha” indicava. Novamente, me dirigi ao jovem e perguntei:

P- Só tem você aqui?

F14 - Hoje eu tomo conta do poste para baixo.

P - E prá cima?

F14 - É um outro colega, mas ele não veio é tudo meu hoje.

P- Por que não divide do lado de lá e do lado de cá? (apontei indicando para avenida)

F14 - Não, porque o lado de lá é muito melhor! Sobe mais do que desce, entendeu? Quem vem pro hospital, vem mais pelo lado da subida.

P- Pois é, mas no lado da subida não pode parar depois do cruzamento. Então é menor o espaço para estacionar.

F14- O lado de cá, é maior mas é pior. Quem vem pro hospital, vem geralmente pela subida e pára na subida. *Arrepara*. Achou quem tava procurando?

P - Não. Não achei.

F14 - Qual carro é o dela?

P - Não ela *num tá* de carro, não.

F14 - Aí fica difícil pra eu te ajudar. Conheço pelos carros.

P - Você estuda?

F14 - Não.

P - Por quê?

F14 - Fico aqui.

P- De noite também? (perguntei já sabendo que sim)

F14 -De noite. Claro.

P - Quanto ganha aqui.

F14- Se *tivé* movimento o dia todo, dá pra tirar até trinta e cinco.

P- E você e o outro, dividem?

F14- Não. O meu é meu e o dele é dele.

P- O Que aquelas mulheres fazem ali?

F1 - Lavam roupa! Ué

P- Lavam roupa? No meio da rua? Como assim? (achei muito esquisito, mas sempre via roupas penduradas, mesmo)

F14-É lavam roupa, nunca viu não ali, tem uma mina d'água.

P - Elas vêm de onde?

F14-Dali, óh! Apontou para um morro ao lado do hospital, cheio de casa

P - Elas ficam ali lavando roupas de noite, também?

F14-Dia e noite tem gente ali lavando roupa.

Nesse momento entendi que a movimentação que eu via quando passava era daquelas pessoas, principalmente, mulheres com seus filhos lavando as roupas ou tomando banho. Não eram moradores de rua.

P - Onde Você mora ?

F14 - Ali. (Apontou para um morro). E você?

P - Moro em Carangola.

F14- Veio no hospital?

P - Não. Estudo aqui em Juiz de Fora. Venho toda semana. Você bem que podia me ajudar.

F14 - Ajudar? Eu?

P- É! estudo jovens que trabalham. Já pesquiso alguns “flanelinhas”.
Conhece o João, o Dênis?

F14 - Conheço. Trabalham na avenida da boate.

P - Pois é, converso sempre com eles.

F14 - O que que você faz?

P - Estudo jovens. Posso voltar para conversar mais com você?

F14 - Pode voltar

Voltei em outras oportunidades até a avenida do hospital, não mais encontrei esse jovem, recebi a explicação de outro “flanelinha”, presente no mesmo local e trabalhando alternado com um outro, que os dias da semana de trabalho que eu estava indo, não coincidiam com os dias de trabalho do “flanelinha” que eu procurava. Este outro jovem, evitava qualquer tipo de diálogo mais profundo. As mulheres que lavavam roupa, também não agradavam muito de minha presença ali.

4. 5 - Alto dos Passos

Nas entrevistas realizadas com motoristas na cidade de Juiz de Fora, compreendi que do ponto de vista dos motoristas, os “flanelinhas” se apropriavam de espaços públicos. Para verificar esta possibilidade, voltei ao campo várias vezes para observar se seria mesmo uma apropriação. A decisão de desenvolver parte da pesquisa naquela região adveio do grande número de “flanelinhas” concentrados naquelas ruas e, também, porque sempre ouvi das pessoas muitas críticas e muitas reclamações daqueles grupos e, ainda, porque durante a pesquisa, foram publicadas num jornal da cidade duas reportagens se referindo àqueles jovens que trabalham em Alto dos Passos.

Devo esclarecer que as observações que fiz naquela noite, visavam constatar uma idéia que me surgiu, a partir do relato de alguns “flanelinhas”, quando descreviam suas atividades, de que o serviço oferecido por eles era de segurança particular.

Numa noite de grande movimento de pessoas e de concentração de veículos no bairro Alto dos Passos, cheguei dirigindo meu próprio carro até uma rua, marcada pela presença de “flanelinhas”, logo escutei um assobio. Era um jovem, que aparentava uns dezenove anos, com um jeito autoritário e uma mão estendida indicava onde eu iria estacionar. Seta ligada, parei o veículo e fiquei estacionada no lugar em que ele me indicou, até as primeiras horas da madrugada. Em momento nenhum desci do veículo. Liguei o som, reclinei a poltrona e através dos retrovisores acompanhei o trabalho desses jovens. Depois de muito tempo, liguei o veículo, dei seta e bem devagar fiz o contorno na própria rua. Saí devagar esperando que o “flanelinha” viesse buscar o dinheiro. Todavia, o jovem não se dirigiu a mim, portanto, não paguei pelo espaço que ocupei e nem pelo serviço de segurança, pois o “flanelinha” me viu assentada no veículo e não me abordou. Esta estratégia, me permitiu discordar da perspectiva das pessoas que afirmam que “flanelinhas” alugam espaço público. Os próprios “flanelinhas” estabeleceram uma outra perspectiva quando afirmaram que o trabalho deles é de

“Segurança Particular de Veículos”. E quando ela é necessária de comum acordo com o motorista. Analisando e refletindo sobre os dados de que dispunha comecei a concordar com a ótica dos “flanelinhas”. Eles não esperavam pagamento em virtude do espaço ocupado pelo veículo, mas sim, pela prestação do serviço de segurança que ofereciam.

4. 6 - Entrevistas em profundidade com “flanelinhas” da boate

Realizei 05 entrevistas coletivas com um grupo de “flanelinhas” nas dependências da U.F.J.F. Selecionei aqui alguns dados que julguei relevantes durante a pesquisa e passo a apresentar a seguir.

A escolha desse local foi feita pelos próprios “flanelinhas”. Compreendi que era uma oportunidade que eles teriam para estarem em contato com esse contexto acadêmico, bem como uma oportunidade de conhecer “por dentro” o funcionamento de uma Universidade.

Fiquei muito ansiosa no dia dessa primeira entrevista na U.F.J.F., pois dessa vez, eles estavam fora dos seus espaços de vivência e eu estaria os recebendo em meu espaço. Uma realidade diferente para eles, mas uma experiência nova para mim. Todos os jovens já haviam estado presentes em observações que realizei na avenida da boate. Também durante as observações, fiz com eles várias entrevistas de curta duração e informais. A escolha desse grupo se deu em função da empatia que surgiu entre nós. Foi o grupo que melhor me acolheu e que mais se interessou pela pesquisa. Também me chamou atenção o senso de organização, bem como a forma ética que tratavam uns aos outros e a maneira educada com que se dirigiam aos motoristas dos veículos, aos comerciantes do local e as pessoas que circulavam por ali.

Esta entrevista em profundidade é diferente daquelas, por ser mais longa e agendada com antecedência. Ela foi marcada por Denis, um jovem, líder do grupo de “flanelinhas” daquele local, educado, inteligente, seguro.

Logo no início das entrevistas, pude perceber que Dênis tinha interesse pela vida acadêmica. Com ele estreitei um laço de afinidade. Trocamos telefones e dessa forma, solicitei para que marcasse junto aos jovens “flanelinhas” na avenida da boate, um dia e horário para que eu pudesse entrevistá-los.

A Universidade Federal de Juiz de Fora, passava por algumas mudanças. Quando iniciei os estudos do Mestrado o acesso ao prédio central era livre. Todavia, na época em que realizei essas entrevistas passei a encontrar alguns homens elegantemente vestidos em ternos pretos que polidamente abordavam as pessoas “Onde vai? Falar com quem? Está agendada? Aguarde um momento, por favor.” Embora esses seguranças fossem muito educados, fiquei preocupada com os “flanelinhas”. Minha entrevista estava marcada ali naquele prédio e os “flanelinhas” poderiam ficar constrangidos.

No dia marcado para a entrevista coletiva, decidi chegar primeiro e avisar aos seguranças sobre a visita dos jovens ao prédio central. Na verdade, fiquei tranqüila, pois me informaram que para a biblioteca o acesso era livre. Entrei e encontrei dois jovens “flanelinhas” olhando as fotografias na parede do saguão.

P- Boa Tarde, Meninos! Me atrasei?

F7 - Não. Acabamos de chegar. Veio dois comigo e os outros dois que viriam, não deu, um foi puxar terra e outro foi correr atrás de uma parada.

P - Beleza. Vamos subir?

F7 - Vou chamar o João ali fora. (Imediatamente apareceu o João em uma camiseta branca, com um sorriso lindo nos lábios.).

P - Que fotos são aquelas?

F6 - De Juiz de Fora, antigas.

P - Gostam de fotografias?

F6 - É bacana. Ali dá pra ver como era antes.

P - Identificaram os lugares?

F6 -Alguns sim, a maioria. Outros ainda num deu não.

Subimos, tentei indicar uma mesa logo na entrada, quando o Dênis, me apontou lá para fundo da biblioteca. Ele nos levou para uma sala fechada com divisórias de vidro, super reservada, com dizeres “Trabalhos em Grupo”. Eu não conhecia essas salas. Estranhei um “flanelinha” conhecer.

P- Você vem sempre aqui?

F7 - Venho; faço trabalhos aqui. (este é o “flanelinha” que está cursando faculdade).

Iniciei a entrevista procurando dizer a eles da pesquisa e do contexto onde eles estavam inseridos. Expliquei, também, sobre os procedimentos éticos e combinei com eles que iria preservar, em privacidade, a voz, a imagem e a identidade deles. Preferi deixar que o diálogo partisse deles, e logo nos primeiros minutos Dênis me perguntou:

F7 - A dissertação por escrito ela é grande?

P - Eu ainda não tenho noção exata de tamanho. Tenho lido algumas em torno de 100 páginas.

F7- Por exemplo, monografia é bastante coisa, a dissertação é mais?

P - É mais, o trabalho de campo da dissertação é maior, a pesquisa bibliográfica é maior.

F - Ah! Tá!

P - Tem alguma dúvida, coisa que vocês querem perguntar?

(F7)- Essa conversa vai ser um diálogo de curso normal ou você vai fazer perguntas elaboradas?

P- Existem as duas formas. Eu tanto posso estruturar essa entrevista e trazer perguntas prontas como eu posso também deixar as perguntas para serem feitas aqui, de acordo com o que a gente viveu na semana, do que aconteceu com a gente. Eu a princípio não trouxe nada estruturado.

F7 - Você pode saber da gente? Se vai ser melhor estruturada ou não?

P - O que vocês acham? A gente pode fazer em forma de diálogo ou estruturada?

(F7)- Prefiro estruturada

(F6)- Eu também.

P - Por quê?

(F7)- Porque se você fizer uma pergunta eu tenho que responder, agora conversando às vezes eu tenho que tomar a iniciativa de falar, é mais difícil, é igual quando vai paquerar uma menina se ela tiver dando uma de só eu perguntar e ela responder fica mais fácil para ela, mas se a gente for conversar, assim . . .aí já fica mais difícil.

P - Mais difícil?

F7- Eu prefiro conversar. Mas no caso de... ser entrevistado é mais fácil pra nós estruturada mesmo.

P - É mais fácil eu trazer perguntas prontas?

É- (vozes sobrepostas F7 e F6)

F8- Tanto faz.

(F7) E você o que você acha? silêncio

P – Eu acho que cada momento é um momento. Poderá surgir momentos em que vou precisar ouvi-los mais e perguntar menos. Vai haver momentos em que vou fazer perguntas iguais para vocês, outras vezes as perguntas não serão as mesmas. Por isso se vocês confiarem em mim e concordarem utilizarei em alguns momentos perguntas estruturadas e outros, não.

F7 - Mas o negócio da estruturada não é questão de querer que você faça as perguntas e a gente responda sim ou não. É lógico que a gente vai discutir, acho que é mais fácil responder sabendo vai perguntar.

P - Particularmente hoje, não trouxe perguntas estruturadas. Então poderíamos fazer uma experiência e continuar do jeito que a gente começou, e em uma outra entrevista onde eu trarei as perguntas prontas?

Essa intervenção foi para dar fim à polêmica levantada pelo Dênis. Ele é um jovem muito inteligente, mas às vezes eu precisava tomar cuidado para que ele não monopolizasse a discussão. Dessa forma, dei esse corte e retomei a fala, dando continuidade à entrevista não estruturada. Na verdade, mais tarde compreendi que a proposta dele era perguntas prontas, tipo questionário, entregues, previamente, respondidas em casa e devolvidas posteriormente. Expliquei que este não era um procedimento válido para esse tipo de pesquisa.

F6 - Vai embora , dona.

P- Pra onde? (RISOS)

F6- Começa aí, a perguntar. Percebi que os outros “flanelinhas” estavam ansiosos para começar enquanto o Dênis queria debater o tipo de perguntas. Concordei com o Pedro e iniciei a entrevista.

P - Primeiro queria saber se vocês querem me perguntar alguma coisa. (Silêncio) (Risos)

O Dênis inicia:

F7 - O Pedro antes me perguntou, *né?! Se ia gravar alguma coisa. Queria saber se ele tava com medo de quê?*

P - Você não vai fazer a pergunta para mim e sim para o Pedro?

F6 - Não tava com medo de nada não.

F7- Poderia ter algum anúncio, alguma coisa ?

P - Não entendi!

F7 - Será que poderia ter alguma coisa anunciada em algum jornal, aparecer na televisão o que a gente falou.

P- Eu volto a dizer, eu vou preservar a identidade de vocês. Eu assumi um compromisso com vocês e vou respeitar.

F7- Não eu *tô* brincando mas, assim, eu temo pela minha imagem eu acho que “flanelinha” assim, na minha opinião não é uma coisa bem vista pelas pessoas eu queria preservar a minha imagem.

F8 - Eu acho que tem um pouco de preconceito

F6 - Tem bastante.

F7 - Quando você *tá* ficando assim com uma menina e fala pra ela que é “flanelinha” . . . (risos)

F7 - Começa errado. É preconceito mesmo.

F6 - Também *porra*, tem muita pessoa que tem preconceito. Tem muito preconceito pro nosso lado. (silêncio)

F8 - É igual aqui, isso aqui não é uma profissão. Então já é muito criticada pelas pessoas.

F7 - Depois de quatro, cinco meses que fui contar pra minha namorada que eu era "flanelinha". (Risos)

P - E ela?

F7 - Ela entendeu na boa. Foi até maneiro. Aí eu fui e falei com ela, fiz de vítima né, que ela ficava me cobrando muito falando que eu era muito ausente, que eu não fazia isso, que eu não fazia aquilo, que eu não tinha tempo pra ela, que estava sempre ocupado pra ela, aí eu falei pra ela, você tem tudo nas mãos, você não precisa correr atrás de nada não. Aí eu comecei a chorar, aí falei pra ela.

F6 - Talvez se você tivesse falado no começo, talvez ela nem entenderia.

F7- Eu também acho, que quando eu tivesse começado a namorar com ela tivesse falado, quando eu conheci ela lá no colégio, se eu tivesse falado pô final de semana eu tomo conta de carro na boate ,ela não ia querer nada comigo não.

P- Você já perguntou isso pra ela? Se ela tivesse ficado sabendo antes?

F7-Eu perguntei depois, mas depois ela já estava envolvida já, ia me aceitar do jeito que eu fosse, na opinião dela, ela falou que se eu tivesse falado pra ela, ela me aceitaria. Ela não tem preconceito nenhum não, ela fala. Mas do jeito que ela é, acredito que não, ela ia ficar com pé atrás sim. (silêncio)

O João (o tímido, da avenida) com as duas mãos segurando a cabeça e olhando para o chão, parecia refletir sobre aquilo tudo. A sua voz aparece pouco, mas ele se expressa muito mais com os gestos do que com as palavras. Tem olhar fixo nas pessoas que estão falando, balança a cabeça positiva ou negativamente, tapa o rosto com as mãos quando me dirijo a ele, uma figura carismática.

Novamente o Dênis tomou a palavra e dirigiu os diálogos. Aproveitei para observar os gestos, os temas abordados e os olhares.

F7 - É igual assim, lá na faculdade para algumas pessoas, não tem problema nenhum eu falar que tomo conta de carro não, sabe, mas pra outras eu não me atreveria não. Você num ficou com medo, não Millene?

P - Eu? (Levei muito susto com a pergunta dele.)

F7 - Éh! Do jeito que as pessoas falam da gente, que a gente quebra carro, que rouba, você não ficou com medo de se envolver, não?

P - Não! Eu primeiro quis observar. Eu não acredito de imediato naquilo que as pessoas me dizem.

F7- Você tem que ver.

P - Eu preciso conviver .

F7- Você, é mais que São Tomé. (risos)

F8 - E aí depois que você passou a ver como funcionava você não ficou com medo, não?

P- Não, medo é uma coisa que eu não tive em momento nenhum.

F7- Eu acho que se eu tivesse em sua posição eu ia ficar com pé atrás.

P - Qual posição?

F7- Ah! Sei lá de professora, formada já, com nível cultural maior, mais avançado, assim como posso comparar isso em termos quantitativos... em termos cultural, maior mesmo. Tem mais cultura.

P - Não sei se tenho mais cultura não. Vai muito do que a gente pensa de cultura.

Embora eu tenha percebido o significado que ele quis transmitir, aproveitei para aprofundar minha compreensão do modo como eles percebiam a questão cultural. Perguntei:

P- O que é cultura para você?

F7- É quando uma pessoa sabe mais que você. Já aprendeu mais coisa que você, tem acesso a informação.

P - Particularmente, acho que pra gente ter cultura não precisa estar dentro da escola, existem outras formas de informação, diferentes . Talvez ali onde vocês estejam vocês têm condições de ter uma monte de outras informações que eu não tenho. Tanto que estou precisando de vocês para fazer esta pesquisa.

F7- Acredito mesmo, que tem coisas que eu saiba que você não sabe.

P - Que, eu não sei?

F7- É, mas eu ainda prefiro a sua cultura. Vamos trocar? (RISOS)

P - Não é questão de trocar, eu acho que você é uma pessoa que daqui a pouco vai ingressar no mestrado, no doutorado. Você pensa isso de alguma forma?

Compreendi que percebia cultura, pela informação obtida na escola. A seqüência de diálogos é uma discussão sobre as finalidades da educação e os propósitos com os quais alguém estuda. É relevante para eles a melhoria das condições de vida, o aumento dos ganhos financeiros e as oportunidades à disposição de quem estuda.

F7- Eu tô fazendo mesmo é pra ganhar dinheiro. Dinheiro pra mim é tudo. Eu considero hipócrita a pessoa que fala que dinheiro não traz felicidade.

F8 - Traz sim.

F7 - E compra, bastante coisa. Até a morte compra. Se quiser matar outra pessoa. Compra. Compra a morte dele. Dinheiro é a coisa que mais me faz falta. Amigos eu tenho, não tenho é dinheiro. Tô fazendo faculdade pra ganhar dinheiro, se tiver que fazer mestrado, doutorado pra ganhar mais eu vou fazer.

F6 - Mas também o que que adianta ter bastante dinheiro e não ter saúde?

F7- Vou lhe perguntar uma coisa, olha só, sou pobre. Não tenho condições de ter uma alimentação balanceada, agora filho de rico não. Com três anos já tem nutricionista lá,

falando o que ele deve comer, o que que ele deve fazer, é academia assim, pra manter a saúde, tem muito recurso . . . dinheiro compra, cara.

F8 - Faz falta, mas traz problema também.

F6 - É, tem suas qualidades e seus defeitos também.

P - Vocês trabalharam em alguma coisa antes de ser “flanelinha”?

F8 - Auxiliar de Pedreiro, Garçom de Pedreiro

P- Garçom, Pedro?

F6 – É, garçom, de pedreiro. (Risos)

F6 - Eu já trabalhei em oficina mecânica, eu tinha 14 anos, aí quando eu fui pro 1º ano comecei a trabalhar de “flanelinha”, tô até hoje. Agora vou dar um tempo de “flanelinha” porque vou começar trabalhar no supermercado

P- Vai começar trabalhar em quê lá?

F6 - Ainda não sei, mas deve ser de frente de loja assim, fazer entrega Empacotar.

F7 - Ele vai trabalhar de patins!

F6 - Não sei. A loja lá é muito grande, entendeu? O pessoal que trabalha de frente lá usa patins.

Em minha reflexão até este momento ganhava força a idéia de que qualquer “flanelinha” que conseguisse um emprego deixaria de sê-lo. Entretanto, o rumo tomado pelo diálogo derrubou esta idéia, como se verá na continuação da entrevista.

P- Você vai parar de trabalhar como “flanelinha” ou vai conciliar as duas coisas?

F6 - Eu não vou dizer que vou deixar de trabalhar, eu tô num projeto de menor aprendiz e o salário lá é só no final de mês. O contrato é de ano e depois que vencer meu contrato eu não sei o que pode acontecer.

P – Como que é esse menor Aprendiz?

F6- É um projeto que tem da guarda mirim, e é tem um curso e eles encaminham pra uma empresa, tipo assim eles te auxilia no que você pode fazer, mais ou menos assim. Não sei explicar não.

Enquanto Pedro falava eu o observava. Ele me parecia tão jovem que fiquei preocupada quanto à possibilidade dele ser menor de idade e de eu, eventualmente, precisar de autorizações dos pais para prosseguir a pesquisa tendo-o como sujeito. Perguntei-lhe:

P - Quantos anos você tem?

F6- Dezesesseis

P - Tem muito tempo que você trabalha como “flanelinha”?

F6 - Ano passado que comecei, num foi? (se dirigiu ao Dênis)

F7 - Foi.

Antes Pedro tentara me explicar sobre o Projeto Menor Aprendiz que, segundo verifiquei mais tarde, se tratava de um Projeto gerenciado pelo município, visando a uma forma de ocupar o tempo de jovens de classes desfavorecidas fora do período escolar. Refletindo sobre o Projeto, enquanto a conversação prosseguia, lembrei-me de outra ocasião em que os “flanelinhas” haviam me dito que a prefeitura queria acabar com a atividade deles. Achei que era uma boa hora para sondá-los sobre a questão e perguntei:

P - Quando a gente começou a conversar vocês me disseram que a prefeitura queria acabar com o trabalho que vocês... por conta das reclamações que ocorriam na região de Alto dos Passos. Como é que vocês estão lidando com isso, hoje? Silêncio

F6 - Do mesmo jeito de antes.

F7 - A gente sabe que vai chegar uma hora que vai acabar.

P - Por quê?

F7 - Ah! Sei lá, a rua é pública. Os caras já pagam impostos e obrigação de segurança é da polícia.

P- Da polícia?

F7 - É. Mas é muita coisa ela num dá conta.

P - Aí vocês ajudam?

F6- A gente faz a parte da gente.

Como disse anteriormente eu havia me preocupado com a idade de Pedro e, por sua resposta, constatei que ele de fato era menor de idade. Pedro provavelmente começou a trabalhar, ainda criança, pois me pareceu ser este o caso de todos os “flanelinhas” que observei ali.

Na formação do grupo que ali se encontrava um parecia ter influenciado o outro, eu já havia constatado que todos eram moradores do mesmo bairro, além de terem estudado na mesma escola. Mesmo assim, achei importante aprofundar a questão no trabalho deles naquele contexto, e perguntei:

P- Como você chegou na região da boate para trabalhar?

F6 -Através deles aí, porque eles já são antigos lá. Apontou para o João e para o Dênis) Risos

F8 - Cheguei lá, pô normal, ficava no supermercado, na universidade, meus colegas falaram que de noite também dava para ganhar dinheiro, aí. .. o que eu vi lá, foi elegante, depois chegou Dênis, o Cajuzinho, o Talento, o Osmar, foi passando de um pro outro.

P- E cadê este pessoal?

F8 - Ah! Uns mudaram outros vai ter filhos, outros num fazem nada.O primeiro mesmo que antes de mim foi, tá morando com uma mulhé doida aí, foi

passando de um pro outro.

P - Antes de ter a boate ali como que era? Vocês se conheciam, trabalhavam em outro lugar?

F8 - Eu trabalhava aqui na universidade .

P – Aqui na universidade vocês *fazia* o quê?

- Tomava conta de carro, também (vozes sobrepostas)

F7 - Aqui tinha que correr dos guardinhas.

P - Aqui tinha que correr?

F7 – Tinha!

F8 - Aqui neste pátio que tem aqui. . . era ali. *Tava* eu e o James, aí veio chegando os caras, eu falei *vamo* embora James, os cara vão te querer levar pra televisão, jornal nobre. Aí ele “ Não cara vão lá.”

F8 - Aí os cara foram lá conversar com *nóis*. Levaram *nóis* pro conselho tutelar, aí conversaram com *nóis* e nunca mais vim cá, aí assim fomos pra porta da Boate,

P - E lá no Conselho Tutelar o que eles falaram?

F8- Falam um montão lá, que não pode tomar conta de carro e pergunta “que que vocês *tavam* fazendo lá?” e os cara ainda inventam falavam que *nóis* tava querendo roubar os carros, é muito ruim, a gente não queria roubar nada de ninguém, não.

F7- Sempre alguém altera em alguma coisa. Só para... (fez um gesto com as mãos)

F8 - Os cara lá falam normalmente, não altera a voz nem nada não. Eu não gostei muito é do pessoal da universidade falar que nós *tava* querendo

anteriormente, não havia qualquer concentração de carros ou fluxo aumentado de pessoas nas madrugadas frias de Juiz de Fora.

F6 - Eu queria saber uma coisa, se mudou alguma coi

O prosseguimento da conversação foi dominado pelas falas do Dênis e do João, intercalando suas análises sobre a natureza e o risco da atividade de “flanelinha” no contexto da boate.

F8 – Se o cara não der a grana, a gente também não tem nada haver com isso, do mesmo jeito que eles não quiseram colaborar com a gente, a gente não precisa colaborar com eles.

Resolvi fazer uma provocação no sentido de obter mais informações sobre a perspectiva deles em relação ao seu trabalho como “flanelinha”. Criei para eles a seguinte situação: Eu parei o carro num lugar, chega um de vocês perto de mim e me pergunta “posso tomar conta do carro”? Eu digo sim e me afasto. Se chegar alguém lá e tentar levar meu carro ou quebrá-lo. O que vocês fazem?

F7- Eu vou pedi para ele não fazer isso, agora, se ele não quiser me ouvir eu vou bater, se tiver alguma coisa pra bater eu vou bater, se eu vê que o cara é grande e eu não vou *aguentá*, eu corro e mando chamar alguém.

F8- Eu já fiz diferente o dia lá que 4 rapazes aí de cima aí, pisaram nos retrovisores, quebraram mesmo, eu já fui na caminhonete, taquei um toco, e tampei no outro, eles correram, foi *prejú* pros cara, eu tentei evitar, mas não deu pra tudo, normal também o cara, que ele chegou e eu expliquei pra ele.

F7 - Um dia eu tava com o Romão lá em cima, lá quase perto da placa, um carro, um pálio, tinha um vectra parado assim, o pálio deu uma ré, cara, foi intencional ele queria mesmo bater, mas eu acho que ele deve ter confundido o cara, ele deu uma ré, bateu, eu deveria tá lá, eu não tava, eu peguei a placa do carro, eu falei com o cara, o cara passou bateu eu não tava perto, eu num pude fazer nada não, é igual o caso lá que o cara roubou a roda do carro lá. Eu peguei a placa e dei. “Silêncio.”

F8 - Na moral *mermo*, eu acho que no normal nós já evitou, nossa mãe! *Nóis* conhece bastante rapaz aí que vai la *pra roubá*, mas conhece *nóis*, aí não *roba*.

Durante um bom tempo todos permanecemos em silêncio, talvez pensando no significado do ponto de vista de cada um do trabalho que realiza. De minha parte esta era com certeza a reflexão que povoava a minha cabeça. O silencio foi quebrado por uma manifestação do João, dizendo “ Na moral mermo, eu acho que no normal nós já evitou, nossa mãe! “ , querendo dizer de forma avaliativa o quanto a presença deles é importante.

F7 - Poderia ter acontecido muito mais roubo de carro aí. Passei muito aperto lá na boate, já. Quando dava 3 horas, nossa senhora, eu fumava um cigarro atrás do outro. De tanto nervosismo. Tem uns garotos aqui que são metidos a dar tiro nos outro assim, é, aí todo mundo tem medo, eu também acho que eu não teria coragem não,

acho que eu não teria coragem, só se eu soubesse assim, que o cara ia fazer alguma coisa comigo, aí eu ia fazer alguma coisa pra ele. Mas todo mundo tem medo deles. Aí um tem até processo porque já matou, já deixou aleijado, aí eles iam lá robá, os carro, aí ficava naquela, mas se eu *chamá* alguém assim pra *pega*, eles vão fazer alguma coisa comigo depois e se eu num fizé, eu vou ter que *acabá* saindo daqui, que tinha um cara que trabalhava no estacionamento que era um elo de ligação entre os meninos, porque o pessoal da boate lá de dentro e os “flanelinhas” lá fora, porque querendo ou não quando *roba* um carro lá fora faz mal pra imagem da boate, porque o estacionamento nem sempre comporta, *colocá* todos os carros lá dentro. Aí faz mal não é bom pra imagem da boate. Os cara ficava pressionando: “ *Pô* os cara de novo, né? E aí? Você num viu não? Você viu sim só que você num quer contar. Quem que foi? Fala! Fala!”

F8 - A coisa é assim cara, rola paulada, num dá pra *falá* não os cara chega na casa na boa e dá paulada, na cabeça.

Este momento da conversação se deu com a participação de todos com falas sobrepostas e isso dificultou a minha compreensão quando da transcrição. Mas, pude compreender que a presença dos “flanelinhas” neste contexto gera para eles um grande risco. De um lado, são pressionados pelos proprietários dos veículos esperando que eles tomem conta do mesmo. De outro são pressionados pelos seguranças da boate, por verem nos “flanelinhas” possíveis testemunhas de danos causados aos veículos. É freqüente a abordagem dos “flanelinhas” por parte dos seguranças exigindo a denúncia de envolvidos nos possíveis danos. Ao que parece os seguranças da boate presumem que os “flanelinhas” conheçam todos os causadores de problema nos veículos. Assim sendo, o trabalho dos “flanelinhas” se dá num ambiente de alto *stress*. Um deles assim se expressou em relação a esta questão: “ *Pô* era a única fonte de renda que eu tinha. Prá mim era bom ganhava bem, agora eu num dou importância mais não, mas antes eu me importava bastante. Eu ficava naquela não tinha como agradar os dois lados.”

As falas acima associadas ao que consegui observar diretamente me permitem concluir pela existência de um relacionamento conflituoso entre os “flanelinhas”, seguranças e proprietários de veículos em todo o decurso da atividade. Apesar de não ter testemunhado nenhum evento dramático, como por exemplo, roubos, batidas de carro, brigas, durante todo o período da minha

pesquisa, não pude deixar de perceber que a possibilidade da ocorrência de tais eventos, é constante preocupação da parte dos “flanelinhas”.

Outro aspecto que também provoca conflitos entre os “flanelinhas” e os seguranças da boate é o envolvimento dos “flanelinhas” na revenda de ingressos. É Dênis quem intervém explicando como a venda dos ingressos fez com que o relacionamento segurança/“flanelinha” se transformasse.

F7 - Igual, lá tem duas formas de ganhar dinheiro lá, é *tomano* conta de carro e *vendeno* convite, a segunda eles num aceitam, num é, num é legal pro pessoal da boate, aí, se eles *pegá* alguém vendeno, assim, toma, briga, manda embora, igual com o branquinho.

Silencio

F7 - O nível cultural dos segurança eu acho que aumentou um pouquinho. Porque antes o segurança tinha massa, tinha corpo, agora eles estão mais educados, querendo ou não, é um lugar que tem que trabalhar com pessoas educadas .

P- Por que você acha que eles mudaram?

F7 - Eles viram que o nível cultural de quem freqüenta a boate, com o que os seguranças pensavam. Eles *tavam* acostumados com baile *funk*, no baile *funk* os seguranças, vai lá dá um soco num, e no outro, joga os dois pra fora e acabou, ali não, a partir do momento que eles quebraram a cabeça de um menino lá, você lembra?

F6 – Lembro!

F7 - Bateram num menino lá dentro, o menino foi e processou a boate. Isso não saiu na imprensa nem nada não, teve que pagar uma multa grande para ele. Aí, eles viram que não era assim, que lá não era baile *funk*, que os seguranças que *tavam* acostumados a trabalhar em baile *funk*, não servia para trabalhar na boate, que ali não pode bater, bate lá o cara é filho de um promotor. Olha o sal.

Curiosamente, na medida em que o nível cultural dos seguranças aumentou, diminuiu o relacionamento dos “flanelinhas” com os mesmos, uma vez que estes novos seguranças procuram manter os “flanelinhas” mais afastados. O maior reflexo deste afastamento se deu justamente na revenda de ingressos que os “flanelinhas”, ainda, fazem, mas de quantidade reduzida e de forma velada para não despertar a atenção dos seguranças. Os seguranças anteriores, embora mais truculentos, mantinham mais proximidade com os “flanelinhas”. A conversação em torno do tema da polidez , prosseguiu, porém, tomou um rumo surpreendente para mim. Em uma das entrevistas curtas realizadas durante as observações, eu já havia levantado com eles a questão de como abordavam os proprietários de veículos para

oferecerem seus serviços. Agora, o Dênis traz de novo a questão a tona numa associação entre a polidez dos seguranças e no modo dos “flanelinhas” realizarem a abordagem.

F7 - Este negócio de “flanelinha” educado. Eu sou muito educado na hora de pedir prá tomá conta de carro. Não ganho dinheiro, porque só ganha quando intimida: Brother tô tomando conta do seu carro aí, dá três reais na volta ou se não pode acontecer alguma coisa com ele. Se o “flanelinha” for estúpido, se for grosso o cara volta e dá o dinheiro. Agora eu não (referindo-se ao seu modo polido de abordar) . E aí brother tudo jóia? Boa noite, tomar conta do seu carro aí, pode ser? Se tiver jeito você deixa três realzinhos na volta prá gente? Esse que nem eu, num ganha dinheiro, esse o cara acha que num é de nada. Os “flanelinhas” que eu conheço são assim, estúpidos, grossos, mal educados, e às vezes usa de outros meios para conseguir, persuadir o cara prá dar dinheiro para ele- Usa tipo forçando pro cara dar dinheiro prá ele.

F8 - Pressão, já vem gritando já. Num vai dar não!? Eu já vi muito disso.

P- E você Pedro, como é que você aborda?

F6 Ah! Eu falo *memo*, é três real na mão, na volta. Eu sou educado, mas falo logo. Ah! tem hora que eu passo muita raiva.- Eu acho que é assim o que vale é a consciência dele, né? Se fosse no estacionamento seria seis reais. Seria. Eles num poderiam falar toma dois aqui.

O argumento do Pedro estabelecendo uma paridade entre o preço do estacionamento e o que um “flanelinha” poderia esperar em troca do seu serviço foi alvo de discordância.

F7 - Se eles quiserem dá dois, três, um, umas moedinhas, não é muito certo a gente reclamar, porque a gente *tá* na rua.

F7 - É por isso que eu tô querendo ter cultura.

Como se viu até agora, dedicamos boa parte da conversação ao tema cultura. Eu vinha entendendo que cultura para os “flanelinhas” estaria associada à idéia de ter educação escolar e de ter um modo polido, cortês, de se dirigir às pessoas. Essa perspectiva estava justificada com base na crítica que se fazia à truculência dos seguranças e na defesa de uma certa maneira de se dirigir aos proprietários dos veículos por parte dos “flanelinhas”. Com relação à perspectiva dos “flanelinhas” de a educação escolar ser um indicador de cultura ou de falta dela, eu também já havia tido evidência em diálogos anteriores. Eles me vinham como pessoa culta e se viam como pessoas sem cultura por causa da nossa diferença de tempo de escolarização. Por isso mesmo, foi uma surpresa verificar a

perspectiva trazida por Dênis na seqüência de diálogos a seguir. Após relatar um episódio em que um rapaz chega até a avenida da boate dirigindo um “carrão” e envolve-se em uma batida e desacata o policial e este não faz nada. O “flanelinha”, revoltado, disse “é por isso que quero ter cultura.”

P - Você tem cultura, talvez você queira uma cultura diferente da que você tem, mas você tem cultura.

F7 – Eu nasci na família errada. Eu sou muito ambicioso, eu gosto muito de dinheiro.

F6- Quem num gosta?

F7 - Não cara, eu gosto muito, eu acho que eu devia ser rico, cara.

P- Como que é sua relação com sua família?

F7- É excelente, porra, minha irmã é quase minha mãe. Minha mãe, faz tudo por mim. Minha família é excelente. Sadia pra *caramba*. Muito aberta.

P - Você tem mais irmãos?

F7 - Tenho mais duas irmãs.

P - Você tem uma que estuda, também? .

F7 – Isso, uma que é casada e faz faculdade, também. A outra, só trabalha. Houve uma época aí, que eu só tirava onda de rico.

P - Como que é tirar onda de rico?

F7- Andar com roupa de marca, tem três anos atrás foi o ano que eu mais curti. O Que que eu fazia, eu ia pra avenida da boate, quinta e sexta ganhava muito dinheiro, comprava roupa no crediário, curtia sábado e domingo, saía pros lugares, chegava lá, achava que era rico. Agora eu sou uma pessoa centrada pra *caramba*. Sei o meu lugar, me orgulho disso,

P - Por que você mudou?

F7 – Idade, comecei a ter mais personalidade e a realidade minha, é outra, eu tenho que ver isso.

Silêncio.

P – João, tá quieto?

F8 - Nossa ! que isso! Já falei até demais , *tô conversano* muito .

Após aquele período de silêncio que pareceu durar muito, apesar de na prática não haver decorrido mais do que dois minutos, resolvi encaminhar nossa conversa para uma questão diferente embora muito importante para o meu trabalho de investigação. Fiz uma pergunta num tom em que a tornava dirigida para todos, dizendo:

P - Qual é o nome dado a quem toma conta de carros?

F8 - Ah! “Flanelinha”.

P - Vocês gostam que chamam vocês de “Flanelinha”?

RISOS

F7 - A gente num gosta é assim que os outros fica sabendo quem a gente é.

P- Quem vocês são?

F8 – “Flanelinhas” (risos)

P- A família de vocês sabe?

F8 – Eu, quando comecei, comecei a vir escondido. Mas aí, eu comecei a levar dinheiro pra casa, comprar as coisa, aí eu tive que falar.

P- Sua família se importou?

F8 - Ah! No princípio sim. Minha mãe fica com medo com medo das maldade dos outros, ela sabe que eu num faço nada errado não,mas ela tem medo dos outros fazer comigo, entendeu?Hoje eu venho, eles sabem, tão assim, mais tranqüilo. Aqui na boate, é tranqüilo.

P- Como vocês gostariam que as pessoas chamassem vocês?

F7 - Segurança Particular de Veículos. (risos)

Devo registrar que no momento deste diálogo não percebi a importância da expressão “Segurança Particular de Veículos”. Mas como discuti na seção anterior, esta expressão levou-me a estabelecer uma possível explicação para o modo como os “flanelinhas” percebiam a natureza do seu

F8- Tem muito outros riscos Atropelamento, por exemplo. Você olha um lado olha, *pro* outro assim, moto é muito difícil ver na avenida, é muito difícil, quando você vê ela tá em cima .O maior risco é o atropelamento, igual a gente que anda muito, *prá* cá e *prá* lá na hora de cobrar tá saindo lá e a gente tá cá em baixo, correr *prá* pegá. Atravessa a rua. Na hora de manobrar o carro é perigoso, você fica atrás, o cara prendeu uma vez a, minha perna vem, vem, vem na hora que veio, veio demais.

Achei que pelo adiantado da hora, já poderia encerrar a entrevista, perguntei se queriam dizer alguma coisa e me surpreendi com a forma que os jovens encararam a entrevista:

F6 - Eu achei a conversa muito boa. Ficou maneiro

F8 - Achei 10

F7 - Achei assim, você lançava o tema assim, e nós três discutia o assunto, *tá* bom assim.

P - Ela não está estruturada, isso é diferente do que vocês me pediram no início.

F6- É achei mais espontâneo, assim, eu tenho mais facilidade de conversar com eles, do que com você.

A entrevista parou neste ponto e eles concordaram em realizar outra em outra ocasião. Despediram-se e se foram. Eu fiquei por um tempo refletindo sobre a amplitude dos riscos a que estes jovens estão sujeitos em função do trabalho que fazem.

Em outra ocasião nos reunimos de novo no mesmo local para uma nova entrevista. Dei o nome a estas entrevistas de entrevistas coletivas para facilitar minha comunicação com os "flanelinhas" justificando também o fato de realizar entrevistas em profundidade na modalidade grupal. apareceram o Dênis e o João chegam sorridentes. Aliás é uma característica desses jovens a de que eles estão sempre brincando, sempre sorrindo. Aparentam ser felizes, apesar das inúmeras privações materiais porque passam. Os dois chegaram se desculpando

F7- Não deu pro Paulinho vir e o Júlio falou que vem na próxima. Ontém deu embaraço na comunicação com os "moleques" aí não deu para eles virem, não.

P - Não tem problema, o importante é que vocês vieram. Por que vocês tratam uns aos outros de "moleques"?

F8 - Ah! Costume, ué.

P - Chama pelo nome. Sabe por que? As pessoas que ouvirem vocês dizerem assim, sem conhecê-los, acharão que vocês são "moleque"s. Ao contrário, vocês são jovens, trabalhadores merecem respeito.

Não deram a mínima para o que eu disse. Estavam mesmo olhando os quadros expostos no térreo da biblioteca. Conversando em torno de fotos antigas de Juiz de Fora penduradas na parede, tentavam descobrir os lugares.

-Vocês querem subir para a biblioteca ou preferem ficar ali? (aponte para uma mesa com bancos de cimento, no jardim, em frente a biblioteca, onde o sol batia forte).

F8 - Vamos ficar no sol?

P - Vamos, respondi.

O dia estava frio e por isso nos acomodamos na área externa do *campus* assim que todos estavam a vontade iniciei a entrevista, perguntando:

P- Posso Gravar? (Todos concordaram). Porque que não tem mulher “flanelinha”?

Nas minhas observações, ao longo de dezoito meses, nunca encontrei pessoas do sexo feminino exercendo a atividade. Por isso a pergunta me parecia relevante.

F7 - Eu acho que arriscado demais.

P - Arriscado?

F7 Mulher, não sei se posso fazer esta colocação não, mas mulher que está disposta a ser “flanelinha” ela faz outras coisas, vai ser garota de programa.

F8 - No JF Folia tinha.

P - Tinha?

F8 Tinha! A mulher do cara lá *tava* olhando carro. Pondo carro prá dentro .

P - Você levaria sua namorada para trabalhar com você?

F7 Eu não. Ela também não iria não. Levaria mulher nenhuma. A Margarida (referindo-se à uma pessoa que se interessa por ele) disse: prá mim “ vou lá contigo” (Risos) Ela queria era ficar perto de mim. (concluiu)

P - Você falou que é arriscado?

F7 - É. Sei lá . Eu por mim eu já não ia. Mas preciso de dinheiro. Mulher tem outras coisas prá fazer.

P- Machista? (risos)

F7 - Não é questão de ser machista. Não sou. É, sei lá trabalhar de empregada doméstica é mais fácil que de “flanelinha”. Por isso também não precisa. Não tem necessidade

P - O que você acha Jô?

F8- É arriscado.

P - Arriscado ?

F8 -Eu não levaria e não deixo mulher trabalhar lá. Mulher é mais indefesa.

Tive curiosidade de saber a respeito da reação de suas famílias aos seus engajamentos neste tipo de atividades. Pensei, também, que podia perguntar-lhes acerca de suas idades. Sobre estas eu já lhes havia perguntado

antes, quando estavam em plena atividade durante as minhas observações. Em quase todas as vezes que fiz esta pergunta, naquelas ocasiões, duvidei da idade que me disseram ter. Pensei que no contexto da entrevista suas respostas pudessem ser mais críveis. Por outro lado, eu vinha refletindo sobre a relevância do trabalho deles e da renda que geravam como parte do orçamento familiar.

P - A família importa de vocês serem “flanelinhas”,?

F7 - A minha não. A primeira vez eu fui escondido. Aí eu ganhei dez reais. Lembro direitinho, fiquei feliz prá caramba. Cheguei em casa e falei com a mãe que tinha ido para uma festa e depois falei com ela que ia começar a trabalhar, lá como “flanelinha” Ela num ligou não.

P - E na sua casa João?

F8 - Minha mãe me bateu a primeira vez.

P - Você tinha quantos anos?

F8 – Quatorze anos. Tenho quatro de avenida de boate.

Feitas as contas com os números indicados (quatorze para a idade da primeira experiência e quarto para o tempo de atuação na avenida da boate, eu chegava a dezoito, idade que o João antes já me havia dito ter. Constatei, portanto, que estes “flanelinhas” não haviam mentindo sobre sua idade. Nosso diálogo prosseguiu centrado mais na reação das famílias ao trabalho deles como “flanelinhas”.

P – Ela bateu em você, por quê?

F8 - Ela disse “ você pode voltar essa hora, não!.” Aí eu falei que eu *tava* tomando conta de carro, aí ela disse que eu *num* podia ir. Eu disse que era uma forma que tinha de *arrumá* meu dinheiro. Daí ela viu que eu *tava* arrumando um dinheiro meu, sempre entregava um *prá* ela. Ela acostumou também. Depois eu parei de dar dinheiro a ela. A boate ficou fraca.

F7 - Você não vai voltar a estudar não João?

F8 - *Num* tô querendo muito não.

F7 - Você *num* faz nada ,cara, fica lá em cima, só medindo rua, tem que estudar!

P – O que você gostava lá na escola, quando estudava?

F8 - Eu gostava muito de Matemática. Gostava de estudar sim. Depois minha mãe me tirava de um colégio e me levava *pro* outro. Falava que eu *tava* faltando aula, eu num faltava aula, eu num faltava mesmo, faltei uma vez por causa dela e depois faltei duas vezes por causa da minha irmã. Depois ela foi e falou, *num* vai mais na aula não, você fica faltando muito de aula. Aí eu parei, ficava o dia inteiro lá.

P - Ficava o dia inteiro, onde?

F8 - Na escola.

P - E o Supletivo? Você me disse outro dia que ia fazer.

F8 – Desanimei. Num quis fazer também não.

P - Continuar “flanelinha”?

F8 - É uma. Dá prá ir normal

F7 - Tem que almejar mais cara! Tem que ter mais visão do que que você quer *pro* seu futuro, tem consciência que sem educação, sem diploma, num digo nem sem educação, mas sem diploma, você num pode chegar muito longe?

A fala de João expõe outro risco a que os “flanelinhas” estão sujeitos: o de ver transformado o trabalho informal que realizam em mais relevante que a escolarização a que renunciam para sobreviver ou contribuir no orçamento familiar. Outros riscos já forma mencionados: atropelamento, conflitos com as autoridades, longa exposição ao clima frio das madrugadas em trajes precários. É difícil estabelecer qual deles é o maior. Mas, como educadora, não posso deixar de pensar que o abandono da escola tenha significativa gravidade por seu impacto na educabilidade dos “flanelinhas” e nas suas perspectivas de vida futura.

A perspectiva de uma vida sem uma escolarização completa foi o tema que alimentou o prosseguimento do diálogo. Os dois “flanelinhas” envolvidos na discussão colocaram-se em pólos diferentes. Enquanto um defendia a relevância da escolarização e da educação o outro defendia o engajamento imediato no mundo do trabalho.

F8 - Não! pode sim! Você luta aqui, luta ali e consegue a vida que você quer, vai seguindo igual muita gente.

F7 - Eu sei, já vi muita gente que num tem estudo nenhum e conseguiu, mas esperar as coisas acontecerem é difícil.

P - Eu fico imaginando se o único lugar onde se educa é na escola. (comentei com eles de modo a estimular o prosseguimento daquele assunto) .

F8 - Não.

F7 Eu num acho também não

P - Onde mais? (insisti)

F8 - Ah!, na moral *mermo*, a maioria das coisas que eu não aprendi em casa eu aprendi vivendo.

F7 - O meio o meio social que você vive, influencia bastante também.

Aproveitei a deixa para conectar a discussão que era empreendida ali no ambiente da entrevista com o lugar de atuação deles, isto é, na avenida da boate, dizendo:

P - Ali onde vocês trabalham vocês acham que é um lugar de educação?

F7 - Ah! Tem uma rede de relacionamento, mas educação . . . assim, é tem um pouco também, tem ...muita gente que chega e sempre fala alguma coisa *prá* gente, dá conselho. Aprende muito.

P – Aprende muito?! (ressaltei o tom interrogativo para tentar aprofundar aquela reflexão)

F7 – É assim, dá pra aprender.

P - Você tem pai e mãe?

F7 - Tenho. São vivos, são divorciados. Depois que meu pai . . . até na 8ª série fui o melhor aluno em todas as salas que eu passei, até na quarta, quinta meu pai *tava* comigo ainda, a gente morava lá na roça meu pai morava com a gente ainda, até no meio da Quinta série, eu fazia as coisas porque ele dava retorno, sabe, assim, eu ganhava medalha, ganhei medalha na 1ª, 2ª, 3ª, 4ª série ganhei medalha de melhor aluno, aí era gostoso, sabe, meu pai chegava em casa, ficava feliz porque ele falava que o pessoal falava assim é Geraldo, seu filho é inteligente *prá* caramba” ele chegava eu via ele feliz, sabe, aí eu me esforçava *pra* aprender, eles separaram em junho e mudamos *pra* Juiz de Fora em setembro. Até na 8ª série num sei se é porque eu *tava* muito debaixo das assas da minha mãe e ela me protegia bastante aí me esforçava *prá* estudar, tinha prazer. depois comecei a sair, comecei a conhecer outras coisas ,comecei a beber. Era novo mas dava *prá* beber uma cervejinha, aí eu comecei a desviar do meu caminho.

P - Mas você continuou bom aluno?

F7 - Não assim, eu passei no vestibular não, eu fiz prova do Enem. Mas com as notas do Enem . . . É sou, sou, acho que sou pela base que eu tive sabe, até na 8ª série, a maioria das coisas que me foi passada, eu aprendi. Deu *prá* aprender bastante coisa no Médio. Mas acho que se eu continuasse do jeito que eu *tava*, com empolgação, com prazer de estudar, teria sido melhor. Acho que faltou um pouco de estímulo da minha mãe. Se ela chegasse *prá* mim e falasse: deixa eu ver suas notas, como que você tá no colégio, acho que faltou isso ... acho que é muito importante a presença da família na vida escolar do filho. *Num* é obrigando, colocando condições *prá* criança, chantagiando com presentes, num é assim. É estimular de outra forma.

P - Na sua casa você tinha incentivo, João?

F8 - Mais ou menos.

P - Você tem mais irmãos?

F8 - Tenho

P - Estudaram?

F8 Estudam, dois. Tem um que parou de estudar. Vai voltar agora.

F7 - A mãe dele trabalha lá na faculdade. Aí eles tem bolsa. Se ele conseguir completar o médio ele pode fazer faculdade de graça! A irmã dele tá correndo atrás, vai fazer o médio e faculdade depois. Ele também tem que correr atrás.

F8 - Vou me esforçar.

João falou isso, rindo meio sem graça, com cara de quem não vai fazer nada e estava doido para que esta conversa chegasse ao fim. Pensando isso, perguntei-lhes:

P - Quando a gente conversa, o que fica para vocês ?

F7 - Aquele dia a gente saiu comentando: é gostoso *prá* caramba, é uma conversa saudável. Eu acho que coloco em questionamento, assim, dá *prá* testar a minha capacidade de dialogar, sabe? Qual o meu potencial *pra* conversar com uma pessoa instruída, porque eu ajo diferente.

P - Você age diferente?

F7 - É, as coisas que eu penso são as mesmas, mas as minhas palavras são diferentes.

P - É normal, isso é do ser humano dependendo do lugar que a gente está a gente tem uma postura, um comportamento, um jeito de conversar, isso eu entendo.

P - João e você?

F8 - Acho *bão*, legal também a gente falar um pouquinho da convivência, saber conversar também.

F7 - Dá *prá* fazer uma análise do que a gente sabe e do que a gente *num* sabe com relação ao mundo. Até auto-conhecimento. (silêncio)

Para quebrar o silêncio fiz alguns comentários sobre a pesquisa, falei da importância deles e contei algumas experiências vivenciadas nas observações que estava fazendo nos outros contextos. Aproveitei para falar um pouco sobre juventudes e sobre o trabalho deles, quando fui interrompida pelo Dênis.

F7 - Você perguntou aquela hora: educação, porque ela é importante e se ela pode influenciar... A falta de educação não pode tornar uma pessoa ruim... Igual o João ele *num* quer estudar e é gente boa *prá* caramba, na escola só ensina mesmo, português, matemática, geografia, você vê pessoa que é muito inteligente sabe tudo em Biologia, física e é uma pessoa que *num* tem boa convivência social *num* consegue conviver bem com as pessoas porque fica muito focada só naquilo, só aprende aquilo, porque escola é só isso. A educação *pro* mundo que você tem lá (referindo-se a escola) é convivência com os outros, só. acho que isso é muito discutido isso hoje, não é? A grade curricular dos alunos?

P - O que tenho discutido é a distância entre a realidade do aluno e o que a escola propõe para este aluno.

F7 - Não entendi.

P - A escola é igual, ela é padrão. É quase tudo muito igual. De repente a escola que o João queria não era esta escola, com estas disciplinas, com estes saberes. Talvez a escola que você queria fosse uma escola que ensinasse outras coisas. Se eu perguntasse a você, João, o que a escola deveria ensinar o que você diria?

F8 - Um pouco de tudo, um pouco de trabalhar, igual eu estudei numa lá achei uma escola ótima. Ensino profissionalizante.²¹ Você estudava um pouco de tudo. Marcenaria. Tudo. Um pouco de cada coisa. *Plantá, gramá, capiná, roçá*. Tinha uma gráfica lá.

P - Esta escola fechou?

F8 - Fechou não. Acho Que não.

F7 - Não. Mas *num* tem mais estes cursos não. Minha mãe trabalha lá. Lá tinha uma gráfica, uma marcenaria. Os alunos que estudavam de manhã saíam das aulas, almoçavam no colégio e ficavam lá a tarde toda e aprendiam estas coisas. Tinha informática também Agora acabou.

²¹ A menção dos “flanelinhas” ao Ensino Profissionalizante é indicativa da opinião deles e é registrada aqui na forma como a enunciaram. O tema não é aprofundado porque não é o foco da Dissertação.

P - Você disse que gostava de matemática, você aprendeu lá?

F8 - Mais ou menos num aprendi o tanto que devia não. Mas aprendi. Português eu aprendi um *mocado*, não era muito chegado não, História eu gostava um pouco.

Esta conversa foi seguida de uma pausa em que todos nós ficamos em silêncio. Parecia não haver mais sobre o que conversar. Eu já pensava em uma forma de encerrar a entrevista quando o João se manifestou dizendo: “Vou ver o Código de Da Vinci amanhã! Mas *tô* achando que num vou achar nem ingresso mais não. O pessoal tá lotando as salas *prá* ver o filme.”

Pareceu-me um bom momento para encaminhar a entrevista para o seu fim. Conversamos ainda um pouco mais sobre o nosso gosto por filmes e não demoramos a nos despedir. Uma das coisas importantes desta entrevista que envolveu apenas dois dos “flanelinhas” foi compreender um pouco mais o mundo deles. João além de trabalhar na avenida da boate, trabalha durante o dia na construção civil. Já, o Dênis, divide o tempo entre o estudo e o trabalho. Entretanto, para ambos os poucos momentos de lazer de que dispunham, só eram possíveis graças ao dinheiro do próprio trabalho no qual a atividade de “flanelinha” representa parte significativa.

Conforme já antecipei, duas reportagens sobre “flanelinhas” foram consideradas relevantes tomando-se em consideração o foco da pesquisa. Vou apresentá-las e discutí-las a seguir.

4.7 – Matérias em Jornais

Durante o período em que desenvolvi esta pesquisa, o Jornal Tribuna de Minas havia noticiado, por duas vezes, a presença de “flanelinhas” trabalhando informalmente nas ruas de Juiz de Fora. A primeira matéria publicada sobre esse tema era assim intitulada: “Flanelinhas determinam taxa e operam com tíquetes”. Essa matéria foi assinada por Ady Carnevalli e publicada na página 03 do Jornal em 21 de maio de 2006.

O texto, em sua essência, dá entender que a forma de atuação dos “flanelinhas” é que fez aumentar o registro de reclamações por parte da população. A maior parte dessas reclamações concentram-se nas regiões de Alto dos Passos, São Mateus, Cidade Alta e Aeroporto. Para corroborar tais reclamações, o repórter menciona um evento realizado na cidade, no qual “os flanelinhas” entregaram tíquetes mediante pagamento antecipado, fato também ocorrido, segundo o repórter, na Rua Machado Sobrinho²², o que considera “uma sofisticação a mais no loteamento em que foi transformada aquela região.

Face às circunstâncias, a matéria sugere a criação de Área Azul (locais públicos de estacionamento controlados pela prefeitura) e, também, o credenciamento dos “flanelinhas” que atuam nas ruas. Segundo a mesma matéria os dados do IPEA (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas) mostram que pelo menos 52% da população brasileira que exerce algum tipo de trabalho remunerado (cerca de 36 milhões de pessoas) não têm respaldo trabalhista, mas também não recolhem impostos. Os “flanelinhas” fazem parte desse grupo.

A matéria, também relatou ocasiões de shows e festas, quando não há limites definidos e onde nem todos os “flanelinhas” se conhecem, nestes eventos, segundo relatos dos próprios “flanelinhas” ao jornal, bandidos se misturam aos guardadores de carros e em situações que ocorrem furto, deixam construída uma imagem ruim.

Esses relatos, também, coadunam com as entrevistas que fiz aos “flanelinhas” na região da boate. Nessas entrevistas diziam que nas ruas

²² Rua mencionada pelo jornal.

demarcadas por eles, não permitiam invasões, pois ao demarcarem os “pedaços” passam a ter controle de quem trabalha com o grupo.

A notícia trouxe, ainda, exemplos de boa convivência ao citar os guardadores de veículos da Rua Rei Alberto e da Rua Carlota Malta, no Centro.

Essa boa convivência pôde ser notada, também, durante a investigação, tanto que na Rua Rei Alberto, observei a presença fixa de quatro “flanelinhas”, que além de tomarem conta de carros, ofereciam um serviço de lavagem, isso foi vivenciado quando num dia de investigação, estacionei meu carro e ao sair fui educadamente abordada por um deles que me ofereceu para lavar o veículo, embora não tenha aceitado, porque minha parada seria breve. Ao retornar, constatei que o guardador havia lavado os vidros e o pára-brisas e ainda brincou: “Uma cortesia da casa!”,. Embora tenha feito observações ali, não me utilizei de tais dados para o *corpus* da pesquisa, uma vez que os “flanelinhas” do local não se enquadravam na categoria “Juventude”.

A matéria jornalística, mencionada, propôs a criação da Área Azul onde atuam os “flanelinhas”, discordamos, pois, se é com o pagamento do uso do espaço público que a população está revoltada, é contraditório, solucionar o problema com a Área Azul. Desta forma, apenas se legitimou a competência do poder público em cobrar taxas. Ou seja, deixar-se-ia de pagar aos jovens “flanelinhas” para pagar à municipalidade.

Minhas observações ao longo da pesquisa não corroboram a idéia de que os “flanelinhas” alugam espaço público. Os dados de que disponho sinalizam para uma prestação de serviço de segurança particular de veículos. Se eles são competentes ou não no desempenho dessa tarefa, é uma outra discussão de que não me ocuparei aqui, todavia, na área azul, sim, pagamos pelo uso do espaço e também não temos garantia de segurança dos nossos veículos

Concordamos que cadastrar e identificar os “flanelinhas”, traria segurança tanto para eles, quanto para a população. Segundo o jornal, isso não ocorreu, ainda, porque o Código de Posturas do Município está em discussão. Por outro lado, os “flanelinhas” que entrevistei, durante a pesquisa se mostram contrários ao

cadastro, por medo de que incidam taxas para o município sobre os valores que eles recebem.

Em nossas visitas ao campo, na região da boate, do hospital, da padaria, ou do shopping center nunca encontramos “flanelinhas” utilizando tíquetes, também não presenciamos nenhum ato de vandalismo em veículos ou abordagem ofensiva aos usuários. Apenas na região dos restaurantes de Alto dos Passos, mencionada pelo jornal, presenciei por uma única vez, alguns jovens visivelmente alcoolizados.

Realizei uma entrevista com o repórter Ady Carnevalli. Ele aceitou contribuir com a pesquisa e relatou-me importantes fatos relacionados a esses jovens trabalhadores. Minha primeira curiosidade foi o interesse do repórter em escrever uma matéria sobre os “flanelinhas”. Segundo ele, uma das editoras do jornal, teria ido ao cinema e lá foi abordada, por flanelinhas que lhes ofereceram os tíquetes. Indignada, questionou com o “garoto” a venda de tais tíquetes, o mesmo lhe respondeu ser apenas uma forma de controle, mas que ela só pagaria se quisesse. Esse fato, então, motivou o pedido para que o repórter fizesse uma matéria sobre o tema.

A forma como o repórter coletou as informações, também, foi motivo de curiosidade de minha parte, já que eu, por várias vezes, já havia tentado uma aproximação com esses jovens de Alto dos Passos e não tive sucesso. Carnevalli esclareceu que nenhum dos dados que utilizou na matéria foram conseguidos de forma direta com os “flanelinhas”. Ele os obteve em entrevistas com comerciantes e com freqüentadores das ruas do bairro. Esses informantes é que mencionaram o horário no qual os “flanelinhas” trabalhavam, a troca de turno que realizavam, a delimitação do espaço que faziam e conseguiram até alguns tíquetes utilizados pelos “flanelinhas” daquela região. Para o repórter, a presença dos “flanelinhas”, junto às pessoas que entrevistou, é vista de forma negativa. Todos se sentem coagidos por eles.

Diferente percepção ele diz ter tido em outras partes da cidade, como centro e proximidades do Museu Mariano Procópio. Também relatou na entrevista que percebeu nestes lugares uma relação familiar entre os “flanelinhas”, os grupos

são formados por irmãos ou primos. Também percebeu uma relação ética e uma melhor organização. Perguntei sobre a idade destes “flanelinhas” ele me disse que eram jovens. Quando perguntei quem seria jovens para ele, me respondeu que pessoas com menos de 30 anos.

A segunda matéria²³ assinada por Renata Brum, intitulada “ Metade dos “flanelinhas” tem passagem pela polícia, foi motivada pela apreensão de um “flanelinha” de dezessete anos, flagrado com a posse de uma caixa registradora no bairro Alto dos Passos.

Segundo a repórter, os guardadores “que deveriam representar segurança, transformaram-se em insegurança”. A conclusão da repórter advém de dados da Polícia Civil baseados em casos encaminhados ao 1º Distrito Policial de São Mateus. Estes dados demonstravam que de cada dez “flanelinhas” cinco já cometeram algum tipo de delito e deste mesmo total, pelo menos três, já responderam a processos criminais.

Os dados da Polícia Militar são oriundos da 32ª Companhia da Polícia Militar e demonstram que de 37 “flanelinhas” identificados, 59%, ou seja, 22 guardadores se envolveram com algum tipo de delito ou de crime. Dentre eles, seis são menores de dezoito anos e um é uma criança que tem apenas doze anos.

Segundo a delegada, Dolores Tambasco, em entrevista para o jornal de Juiz de Fora, o tráfico de drogas lidera o *ranking* dos crimes seguidos de roubos furtos. Disse, também, que “sem legislação que discipline a atividade muitos demarcam território de forma coercitiva, impondo meios de cobrança e fixação de preços”. Segundo ela “eles disputam os pontos da mesma maneira que o tráfico de drogas.”

Para o Capitão da Polícia Militar, Almir Cassiano, seria necessária uma regulamentação pelo legislativo possibilitando o mapeamento e a identificação dos guardadores.

²³ Tribuna de Minas 14 de janeiro de 2007 p. 3 – Metade dos flanelinhas tem passagem pela polícia.

O Jornal também relata três entrevistas feitas com guardadores, concluindo que “todos” os “flanelinhas” querem identificação. Segundo um dos entrevistados “Ninguém tráz estrela na testa, por isso acho que seria ótimo se a prefeitura ou outro órgão nos cadastrasse e nos fornecesse roupas para nos diferenciar dos falsos guardadores. Um outro entrevistado disse que sente que as pessoas têm medo quando ele se aproxima. A identificação traria mais segurança para os motoristas. O terceiro entrevistado disse ter perdido a esperança de ter a situação regularizada, pois ele já foi cadastrado por três vezes.

A reportagem como um contexto de pesquisa, traz a opinião de autoridades civis e militares. Este olhar, diferente do meu, enquanto pesquisadora, traz a tona problemas extremos que chegaram até as polícia civil e militar. Todavia, em minha permanência no campo, nos contextos da boate, do hospital, da padaria e do shopping, não presenciei durante os dezoito meses de pesquisa, nenhum fato que desabonasse a conduta dos jovens “flanelinhas” nos contextos pesquisados.

Infelizmente as exigências de prazo de término da dissertação, impuseram limite à coleta de dados e não realizei entrevistas com aquelas autoridades. A matéria foi publicada quarenta e cinco dias antes do prazo de entrega da dissertação. Teria sido interessante compreender como os jovens em pauta e alvos da atenção policial naquela região se relacionavam com o tipo de “flanelinhas” que estudei. Estes ajudam no sustento de suas famílias e relativamente ao cadastramento, têm medo apenas de que com ele haja, também, recolhimento de taxas e conseqüente redução de sua já escassa renda. A convivência que tive com os “flanelinhas” em diversos contextos não gerou dados que me autorizassem situá-los no mesmo tipo daqueles citados na matéria. Porém não devo afirmar que todos os “flanelinhas” são sérios e trabalhadores, como aqueles que observei, pois isso seria estender análise da parte ao todo numa generalização.

Nos contextos em que conduzi a pesquisa o estabelecimento dos “pedaços”, que é como os “flanelinhas” denominam seus locais de trabalho se deu por proximidade com a moradia, por aceitação dos moradores próximos ou por acordo tácito com os responsáveis pelos estabelecimentos ou proprietários de

veículos. Deixo de fazer qualquer comparação com o tráfico de drogas porque não conheço a forma como tais pontos se estabelecem, o próprio termo ponto raramente foi mencionado pelos “flanelinhas” que observei.

Durante a pesquisa ouvi dos “flanelinhas” relatos sobre momentos em que perceberam pessoas infiltrando-se entre eles de forma suspeita. Este fato, gerava entre eles muita tensão devido a sua incapacidade de confrontar eventuais atos indesejáveis da parte destas pessoas. Observei que existe uma certa organização e controle da parte dos “flanelinhas” visando proteger o espaço que utilizam. Por certo, de acordo, com conceitos geográficos, este processo dá a estes locais características de territórios.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei esta pesquisa visando estudar jovens inseridos em contextos urbanos, todavia, constatei que o tema Juventude devido a sua heterogeneidade indicava um caminho marcado por diversidades culturais, sociais e econômicas, portanto, eu deveria estudar este tema em uma perspectiva plural – Juventudes.

Também, no aprofundamento das teorias, compreendi que a categoria juventudes não poderia se resumir a uma perspectiva biológica, simplesmente, pela idade que se tem. Ao contrário, os jovens precisam ser compreendidos em seus contextos, os quais dão significados à idade que eles têm.

Diante disso, escolhi a cidade de Juiz de Fora para ser o espaço de minha pesquisa, visto que abarca uma quantidade imensa de jovens trabalhando pelas ruas como “flanelinhas”. Por isso decidi trazê-los como sujeitos desta pesquisa, visando compreender como que se apropriaram e organizaram os “pedaços” de ruas para trabalhar. Nessa tentativa, invoquei o aporte teórico da Geografia, pois percebi que as demarcações feitas pelos “flanelinhas” poderiam ser entendidas através de estudos de espaço, territórios, territórios justapostos e multiterritorialidades. Diante dessas possibilidades, enfrentei o desafio de entrar no campo e estudar esses jovens, a partir de estratégias da etnografia. Nas oportunidades que surgiram, entrevistei, informalmente, alguns usuários e pro meio dessas entrevistas foi possível concluir que as pessoas se sentem incomodadas com a presença dos jovens nas ruas e não acreditam no serviço de segurança que eles oferecem.

Além disso pude perceber, também, que se formou uma idéia no senso comum de que os “flanelinhas” transformaram os espaços públicos em privados. Ora! Durante o tempo da pesquisa nunca presenciei “flanelinha” oferecendo uma vaga na rua! O serviço que esses jovens ofereciam era o ofício de “olhar” ou de “vigiar” os veículos estacionados. É possível, concluir, portanto, que os espaços

não deixam de ser públicos para se tornarem privados o que ocorre são territórios justapostos.

Por outro lado, percebi, em entrevistas informais, que os usuários de veículos não se incomodam com a área azul, tanto que durante o período desta pesquisa nunca ouvi usuário reclamar de que o município havia loteado um espaço de uso público. Concluí, dessa forma, que as pessoas além de estarem habituadas a pagar taxas, se conformaram com elas. Todavia, no que tange ao trabalho informal de jovens no ofício de vigiar veículos pelos espaços públicos da cidade, essa atuação é caracterizada como “pressão social”.

Estudos feitos através de técnicas quantitativas e de análises através de amostras e resultados generalizados, contribuíram para a construção de mitos e de idéias estereotipadas e não ajudaram a encontrar soluções para o espaço urbano, pois os números não são capazes, por si só, de aprofundarem nas interpretações que os eventos sociais requerem.

Os achados desta pesquisa mostraram que os “flanelinhas” são convidados para trabalhar, quando têm relações de parentesco ou de amizade uns com os outros ou por proximidade de moradia ou pertencimento a mesma escola. Por isso a indicação de que os “pedaços” de ruas são disputados como no tráfico de drogas, conforme matéria jornalística analisada, não traduz a realidade que encontrei nos contextos. Estes jovens sofrem preconceito pela atividade que exercem, pela cor da pele, pelo lugar onde moram, mas, principalmente, porque se fizeram presenças constantes em bairros de classes favorecidas.

O que posso afirmar é que os “flanelinhas” estudados têm responsabilidades, trabalham para ajudar no sustento da família e alguns dividem o tempo entre escola e trabalho, outros além de serem “flanelinhas”, trabalham em outras atividades. Estes jovens não tiveram a chance de viver o período da “moratória da juventude”, ao contrário, muitos deles abandonaram a escola para trabalhar ou precisam do trabalho para estudar, indicando uma entrada precoce no mundo adulto.

Os achados da pesquisa mostraram, ainda, que há um conflito destes jovens na relação que eles fazem entre trabalho e escola. Por um lado acreditam que o diploma lhes dará a chance de entrar no mercado formal de trabalho, porém não renunciariam nenhum horário do trabalho para dedicarem à escola, ou seja, se sobrar tempo eles vão à escola.

O tema cultura, levantado por um dos “flanelinhas”, trouxe à tona a discussão entre informação *versus* escolarização *versus* capital. No diálogo de um “flanelinha” é possível observar que em sua concepção a cultura e o diploma trazem dinheiro. Talvez, em outra oportunidade possamos abrir a discussão se é preciso dinheiro para se conseguir cultura ou se é preciso cultura para se conseguir dinheiro. Diante desses fatos pude concluir que o diploma aumenta a chance de se conseguir a inserção no mercado formal de trabalho, mas não a garante, haja vista os incontáveis “flanelinhas” com Ensino Médio espalhados pelos seus territórios de trabalho, inclusive um cursando Administração de Empresas.

Em outra entrevista um dos “flanelinhas” disse que o cidadão já paga imposto e que o “governo” é quem deve ser o responsável pela segurança das ruas, o que me permitiu reiterar a convicção de que o serviço oferecido por eles é de segurança e que eles têm consciência de que só podem pedir uma contribuição espontânea.

Embora tenha utilizado métodos, tradicionalmente, da antropologia e o aporte teórico da geografia, minhas interpretações, convicções e conclusões aqui apresentadas foram construídas através do olhar de pedagoga. A posição, de onde falo deixa em aberto muitas outras (in)conclusões nesta pesquisa, entretanto, espero que dela surjam outros desdobramentos, pois o espaço urbano de Juiz de Fora, precisa ser estudado em profundidade, fornecendo dados relevantes ao poder público para além de números, tabelas e gráficos.

Minha experiência no campo me permite, baseada nas duas matérias do Jornal Tribuna de Minas,²⁴ dizer que o Poder Legislativo, os agentes militares e

²⁴ Vide referências

civis, aguardando discussões do Código de Posturas do Município, não conseguirão criar soluções viáveis para a população e nem mesmo para estes jovens “flanelinhas”, primeiro, porque não será através de estudos quantitativos, conforme os demonstrados, na matéria publicada em 2007 que se viabilizará alguma medida; segundo, que não será através de normas, decretos, regulamentações que se conseguirá (re)organizar àquele espaço (tão já bem organizados para o trabalho daqueles jovens), de modo a dar-lhes condições dignas de trabalho.

Observei o campo, debrucei sobre as minhas notas expandidas, reli algumas teorias, fiz as minhas reflexões para saber se aqueles espaços estão organizados ou desorganizados. Deixo aqui, a possibilidade de pesquisas futuras sob o enfoque da Teoria da Complexidade de Edgar Morin²⁵, a possibilidade de uma discussão para compreender a organização e a desorganização desses espaços.

Na minha tarefa de educadora, invoco Freire (2004) para dizer que o ser humano é um ser histórico, cultural, inacabado - consciente do inacabamento e em permanente movimento de busca do ser mais, sujeitos, portanto, cognoscentes. Para Freire:

Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez homens e mulheres educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. (FREIRE, 2004, p. 58).

Durante as minhas observações e diante dos diálogos com estes jovens, pude perceber como e quanto estão predispostos a aprender. Desde que os deixem livres! Aprendi com eles que a minha liberdade começa quando a liberdade do outro começa também. Nos contextos urbanos estudados vale a máxima de Freire que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (1987, p. 68).

Percebi que esses contextos se constituem como um espaço cognoscível que tanto pode estar a serviço da transformação, quanto da

²⁵ MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento Complexo. Porto Alegre: Sulina, 2005.

imobilização das estruturas injustas da realidade. Portanto, pouco, muito pouco diferente daquela educação recebida nas escolas.

Ah ! Se essa rua, se essa rua fosse minha. . .

REFERÊNCIAS

ABRAMO, W. Helena. **Cenas juvenis; punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.

_____. Espaços da juventude. *In*: FREITAS, Maria Virginia & PAPA, Fernanda de Carvalho (orgs.). **Políticas Públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez: Ação Educativa: Fundação Friedrich Ebert, 2003 p. 219-228.

_____. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. *In*: ABRAMO, W. HELENA;BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 37-72.

ÁRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed., Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

BOGDAN, R. C. & BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A "juventude" é apenas uma palavra. *In*: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRUM, Renata. Metade dos flanelinhas tem passagem pela polícia. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, p.3, 14 de jan. 2007.

CARNEVALI, Ady. Flanelinhas determinam taxas e operam com tíquetes. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, p.3, 21 de maio. 2006.

CARRANO, P. C., **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CASSIRER, Ernest. **The Philosophy of Symbolic Forms**. Traduction by Charles W. Hendel. Yale Universyt Press, New Haven, 1953.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. *In*: NOVAES, Regina; Vannuchi, Paulo (org.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2004. p. 180 – 216.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da desterritorialização**: do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Net, Porto Alegre, set. 2004. Disponível em: < <http://www.univ-tlse2.fr/msh/cpd/documents/CONFERENCE/Rogério,HAESBAERT.pdf>>. Acesso feito em 13 de nov. 2006

INSTITUTO CIDADANIA. **Projeto Juventude**: Documento de conclusão. São Paulo: Instituto Cidadania, 2004.

MONTEIRO, Roberto Alves. **Etnografia de Espaços Vivenciados: Reflexões e experiências**. In: FICHTNER, Bernd; FREITAS, Maria Teresa de Assunção; MONTEIRO, Roberto Alves (orgs.). Juiz de Fora: FEME, 2005.

MORAES, Vinícius. **Acontecimento**. (Seção “Poesias Coligidas”). In: BUENO, Alexei. Poesia Completa e Prosa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

NOVAES, Regina. Juventude, Exclusão e Inclusão Social: aspectos e controvérsias de um debate em curso. In: FREITAS, Maria Virginia & PAPA, Fernanda de Carvalho (orgs.). **Políticas Públicas**: juventude em pauta. São Paulo: Cortez: Fundação Friedrich Ebert, 2003, p. 121-151.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PESSOA, Fernando. **Novas poesias inéditas**. In: Obra poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p.685.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucite, 1996.

_____. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. **Por uma Geografia nova**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2002

_____. **O Espaço dividido**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2004

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Sérgio da Costa;

CORREA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SPÓSITO, Marília P. A sociabilidade juvenil e a rua; novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social*. **Revista Sociologia da USP**, São Paulo, v.5 n. 1-2, p.161-178, 1993.

_____. Estudos sobre juventude e educação. *In: Revista Brasileira de Educação*. Juventude e Contemporaneidade. São Paulo: ANPED n. 5-6, p. 37-

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)